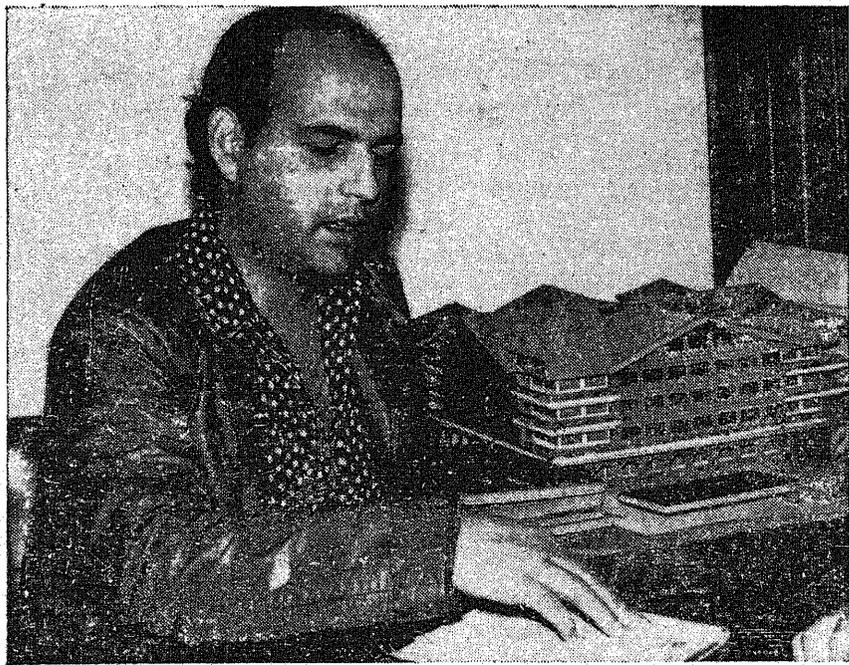


# ACADÊMICO

jornal catarinense de opinião

ANO VI \* Nº 51 \* JAN/FEV/81 - BLUMENAU - SC CR\$ 20,00

## Renato Vianna assina lei que cria a Secretaria Municipal de Turismo



Renato Vianna e a maquete da nova Prefeitura de Blumenau

O Prefeito Renato Vianna assinou a lei nº 2.646 criando a Secretaria Municipal de Turismo e vetou a emenda do vereador Fausto Schmidt que pretendia que o futuro titular desse órgão fosse obrigatoriamente detentor de diploma de curso superior de turismo.

Dentro de 60 dias, o prefeito aprovará por decreto o regimento interno da nova Secretaria, com o que ficará automaticamente extinto o atual Serviço de Turismo, órgão do terceiro escalão administrativo. A estrutura da Pasta, segundo dispõe a lei, será composta de duas unidades de

serviço: um Departamento Técnico e um Departamento de Promoções.

A lei, em seu art. 1º, estabelece que a Secretaria terá como finalidade executar a política municipal de turismo, coordenar as ações dos órgãos da administração direta ou indireta do município, cujas funções estejam ligadas ao turismo; apoiar e orientar a iniciativa privada no setor, promover a captação de recursos financeiros para o turismo, divulgar, no país e no exterior, as atrações turísticas de Blumenau e realizar as atividades de assistência ao turista que visita o município.

Entrevista inédita e exclusiva com:

# DARCY RIBEIRO

Circulando em todas as universidades brasileiras

## Crédito Educativo só serve para enriquecer as empresas de ensino

O Crédito Educativo, como está, "só serve para enriquecer as empresas de ensino, desacreditar o Poder Público e gerar situações injustas na comunidade universitária".

A afirmação foi feita pelo Deputado Álvaro do Vale (PDS-RJ)... o Deputado Álvaro do Vale embora sendo o idealizador do projeto do crédito educativo, acha que ele está exigindo uma reformulação.

Ele alega que o crédito educativo gerou um estímulo às "faculdades de sobrado e de fins de semana", criando cursos que permitem vestibulares fáceis, elaborados por elas próprias, atraindo jovens inexperientes que querem, apenas o diploma universitário, com uma outra facilidade: "O Estado paga a conta, por intermédio do crédito educativo".

Segundo ele, o país não po-

de pagar a educação universitária de um jovem, só porque ele é pobre. Ele deve provar suas aptidão e vocação universitárias, o que não aconteceu no Brasil com o crédito educativo, que o Deputado diz ter fracassado.

Ressalta que, no plano inicial do crédito educativo que segundo ele foi inteiramente desvirtuado pela burocracia do MEC, estava explícito o item das provas conjuntas de capacidade e de carência dos candidatos, o que, na época, ele chamava de "bolsa reembolsável".

Além do aumento de recursos, o Deputado Álvaro do Vale só vê uma saída para corrigir as "distorções do crédito educativo": a acoplação das provas de capacidade e carência dos candidatos, ou seja, pôr em prática sua idéia inicial do projeto, que o Ministério da Educação e Cultura não levou em consideração.

## Inquérito apura as fraudes no DCE

Com a portaria nº 2/81 assinada pelo Reitor da FURB, professor José Tafner, foi nomeada uma Comissão para apurar as "irregularidades administrativas" na Gestão ...

79/80 do Diretório Central dos Estudantes.

A portaria que data do dia 26 de fevereiro, promete apresentar um relatório completo dentro de 45 dias. Leia na página 2.

## ACADÊMICO

Empresa Editora Jornal Acadêmico Ltda.  
 Rua Amazonas, 1128  
 Caixa Postal 1124  
 98.100 - Blumenau - SC  
 CGC - 83.949397/0001-63  
 Junta Com. - 42200451 - 40  
 Registrado no INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

\*

O jornal ACADÊMICO foi fundado em 1975 (6 de junho), premiado pela Parker Pen do Brasil com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pela Parker aos melhores informativos universitários em todo o território nacional. O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades Brasileiras e mesmo, em algumas Estrangeiras. Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Bolívia, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Sta Catarina e Brasil

\*

Jornal sério que se propõe dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e opiniões, para isso está com as entranhas abertas.

\*

Diretor e editor-responsável  
**Oldemar Olsen Jr.**  
 Jornalista responsável  
**Honorato Tomelin**

\*

Redação  
**José Endoença Martins**  
**Maria Odete Onório**  
**Roberto Diniz Saut e**  
**Oldemar Olsen Jr.**

\*

Colaboraram nesta edição  
**Vilson do Nascimento**  
**Gervásio Luz**  
**Heriberto Afonso Schmidt**  
**Vendelino Reinert**  
**Luiz Antônio Piccoli.**

\*

Os conceitos e idéias emitidos em matérias assinadas não expressam, necessariamente, a opinião do Jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

\*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da "Fundação Casa Dr. Blumenau - Santa Catarina"

## Inquérito para apurar as fraudes no DCE

Com a portaria nº 2/81 assinada pelo Reitor da FURB, professor José Tafner, foi nomeada uma Comissão para apurar as "irregularidades administrativas" na Gestão 79/80 do Diretório Central dos Estudantes de Blumenau.

A Comissão ficou assim composta: Lorival Kruger, Diderot Carli, Lorival Beckhauser e Luiz A. Piccoli.

A portaria tem a data do dia 26 de fevereiro e promete apresentar um relatório, dentro de 45 dias, sobre aquele que ficou conhecida como a "grande gestão"...

Para quem está chegando agora, a "grande gestão", foi uma espécie de horda bárbara invadindo o império. Eles, os bárbaros, destruíram em menos de um ano, o trabalho de sete anos, a saber:

**SEDE DO DIRETÓRIO** — Um projeto prático e eficiente idealizado por Oldemar Olsen Jr. na Gestão de Sílvio Borges de Jesus... tida como modelo e muito elogiada por todos que já visitaram o DCE. Cada Diretório Acadêmico tinha sua própria secretaria... foi desmontada inteira, sem maiores considerações...

**CLUBE DE XADREZ** — O mais moderno do Estado, contendo 13 tabuleiros, ar condicionado, geladeira e som ambiente. Projetado e decorado por Oldemar Olsen Jr. e construído na gestão de Eduardo Procriwieck... nos áureos tempos (com 97 alunos)... transformado na "grande gestão" em depósito de madeira, hoje já recuperado (ver DCE atual).

**JORNAL ACADÊMICO** — Premiado em 1975 pela Parker Pen do Brasil como o 3º jornal "nível universitário"

## Universidade propõe convênio com a Prefeitura

A Pontifícia Universidade Católica do Paraná poderá firmar um convênio operacional com a Prefeitura de Blumenau para desenvolver pesquisas e divulgar a nível nacional a experiência da produção de gás metano a partir do lixo, para fins energéticos, e a transformação do lixo em composto orgânico para uso na agricultura.

O interesse nesse acordo foi manifestado ao diretor do Departamento de Serviços Urbanos do município, Mauro Rodrigues de Mello pelo dire-

tor do país, foi eliminado... não sem antes, tirarem uma edição... e, a bem da verdade acabar com a imagem que o jornal construiu em cinco anos de circulação ininterrupta...

**RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO** — Neste local, a "grande gestão" se empenhou mais em requintes de vandalismo... desmontaram algumas paredes, fizeram ligação direta de esgoto (para baixo do assoalho do RU), desenvolveram um sistema prático de eliminar o lixo (esta ficava no próprio restaurante), aperfeiçoaram um sistema interessante de contabilidade... fechavam o caixa de três em três dias e, ao invés de arrecadar Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros), eles conseguiam a importância inacreditável de Cr\$ 1.200,00 (hum mil e duzentos cruzeiros)...

Depois, não satisfeitos com a "excelente administração", eles aliviaram o DCE de alguns cinzeiros (cinzeiros de pé, comprados especialmente para o Clube de Xadrez, venderam um cofre (isto é caso de polícia)... com uma gana de trabalhar, deixaram o DCE com mais de quinhentos mil cruzeiros de dívidas e totalmente desacreditado em Blumenau e no Estado de Sta. Catarina... até hoje vem gente de Porto Alegre cobrar contas da "Grande Gestão".

Seria, para finalizar, uma grande ironia culpar ou tentar incriminar o antigo presidente — aquele santo homem — porque é impossível (basta calcular) e a sociologia explica, um único elemento cometer tantos erros sozinho em tão pouco tempo... Que Deus o guarde!

## Concurso de Contos

Já se acham abertas as inscrições para o 2º Concurso de Contos, promovido pela Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de São Bernardo. As inscrições serão aceitas até 31 de maio. Podem participar do evento contistas brasileiros, residentes no território nacional ou mesmo no exterior. Afóra a categoria geral, o concurso compreende uma categoria específica — a local —, destinada a candidatos naturais ou domiciliados no Município, os quais também poderão participar da geral.

Para o 1º colocado na categoria geral será dado o prêmio Mário de Andrade, de Cr\$ 100 mil, sendo atribuídas menções honrosas do 2º ao 6º colocado.

Para o 1º colocado na categoria local será oferecido o prêmio Graciliano Ramos, no valor de Cr\$ 60 mil, havendo menções honrosas do 2º ao 4º colocados.

Acumulará os prêmios o vencedor da categoria local que também tiver participado da geral e alcançar simultaneamente o 1º lugar em ambas as categorias.

Cada concorrente poderá inscrever apenas um conto inédito, em três vias, em papel tamanho ofício, datilografado em espaço dois de um só lado, com o limite de 3 a 15 laudas, não devendo conter plágio ou adaptação de outros autores. O concurso assegura liberdade de tema e expressão. Nos respectivos textos deverá constar pseudônimo do autor, não o nome verdadeiro ou assinatura. Em envelope menor, lacrado e posto dentro de um envelope maior onde serão remetidos os trabalhos, o candidato remeterá folha com seu pseudônimo, nome, nacionalidade, naturalidade, idade, endereço completo e breve currículo. Os trabalhos deverão ser envelopados e sobrescritos com o nome do Concurso, a categoria a que pertencem e remetidos ao Departamento de Cultura e Esportes da Prefeitura de São Bernardo, à Rua Dr. Flaquer, 208, 1º andar — CEP 09700 (São Bernardo do Campo).

# COLUNÃO

UM COMPROMISSO MAIOR COM A VERDADE

## ACORDOS E MUTRETAS

O responsável pela livraria aí em frente da FURB, solicitou ao DCE que destinasse determinada verba para que ele comprasse livros... em contrapartida, ele daria 5% de desconto para os estudantes que lá fossem... Ora, vejam só, até onde pode ir o cinismo de determinados comerciantes... O negócio de "capital de giro" é com os bancos. O pior é que todos já sabem.

## SUGESTÃO PARA O PRESIDENTE

Em função dos "abusos" que se deparam os universitários, em relação ao preço dos livros, visto que existe um "determinado monopólio", principalmente no que concerne aos livros jurídicos, existe uma necessidade urgente de se criar uma cooperativa de livros... como havia em outros tempos, nos bons tempos.

Fica a sugestão, prática, eficiente e, principalmente, útil.

## PROCESSO "REITORIA"

Estamos no ano em que se escolherá o novo reitor. Candidatos existem muitos... bons mesmos... bem, aí é especular sobre a matéria prima.

O certo é que existem os eternos candidatos (ver listas passadas)... mas, sempre formaram-se dois grupos: um, coordenado pela reitoria em exercício e o outro articulado pelo pedesista Milton Pompeu... e o diretor da Faculdade de Filosofia, diz "não saber de nada"...

## DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Há muitos dias antes da "grande data", Claudia Maria Truppel, do Diretório Acadêmico de Filosofia, preparou um importante e significativo mural contendo artigos, desenhos e chamadas para o "Dia Internacional da Mulher".

A conscientização e a iniciativa valorizadas na FURB.

## COMPRANDO AÇÕES DO JORNAL

... Toda vez que se aproxima o chamado "ano eleitoral", uma infinidade de jornais (de curta duração) surgem e desaparecem como surgiram... não sem antes te-

rem cumprido a tarefa (e-leitoreira) para os quais foram criados.

A última notícia que circula em Blumenau, é a de que o senador Jaison T. Barreto está investindo no alternativo de Florianópolis AFINAL... na edição nº 9, aliás Jaison está com quatro páginas para si.

## O PENSAMENTO DA OPOSIÇÃO

Nesta entrevista, ele comenta (ver o Afinal) que: "Um povo organizado não tem ditador, não tem administrador corrupto".

Também, "procurar a conciliação com esse governo é um ato de traição". Ou ainda: "A justiça vai ter que punir os que roubaram o país durante todos esses anos, sob pena de não ter mais autoridade moral para prender nem os ladrões de galinha".

## RENATO VIANNA E O REITOR

A Furb não foi reconhecida ainda como universidade, segundo vozes do primeiro escalão, existem poucas perspectivas de que o seja ainda este ano e, se persistir o atual estado das coisas, caberá — mais uma vez — ao prefeito Renato de Mello Vianna, a indicação (depois de uma lista sextupla) do nome.

O "disque-disque" nos bastidores já teve início...

## ALGUNS ELEMENTOS REITORÁVEIS

Não é mais segredo para ninguém que o sr. Arlindo Bernart, Diretor da Faculdade de Direito é um postulante ao cargo... porém, outros dois elementos estão sendo cogitados nos bastidores, cada um deles tendo em ambas as fecções, em apoio de diversas pessoas que se divide sempre o "quadro docente" da FURB, trata-se de: Celso Ziph e João de Borba.

## A SUCESSÃO NA FILOSOFIA

Também na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, vários professores se arvoraram em apoiar este ou aquele... todavia, existe uma convergência muito acentuada em relação a três nomes: Dimas Moser, Alceu Natal Longo e Aimo Müller.

# O manifesto dos professores

Congresso Nacional dos Professores, reunido em Fortaleza de 24 a 30 de janeiro de 1981, sob o patrocínio de sua entidade a Confederação de Professores do Brasil (CPB) e com o apoio da União Nacional dos Estudantes UNE, houveram por bem aprovar por unanimidade um dia nacional de luta, em defesa dos reais interesses da classe, quais sejam:

A — Aposentadoria aos 25 anos;

B — 12 do orçamento da União para a Educação;

C — Reajuste semestral e 13º salário.

Todos nós sabemos que a educação é o pilar básico de qualquer sociedade, e que o desenvolvimento da mesma, dependerá do grau que esta alcançar.

Acontece que neste país, a educação sempre foi tratada como coisa secundária, haja visto os dados disponíveis.

Até 1964, o orçamento da união para a educação era de 12%, enquanto hoje, passados 16 anos e tendo o número de alunos quadruplicado, esta mesma verba caiu para 4,2%, com tendência a diminuir ainda mais.

Perguntamos então. Para onde está indo todo este dinheiro, que deveria ser aplicado em fim tão nobre?

Todos os assalariados tem direito por lei ao 13º salário. Porque nós professores não?

Como podemos ensinar a importância do cumprimento das leis se as nossas autoridades mais diretas, muitas vezes, as burlam?

A luta pelo 13º salário, para todos os professores, é algo tremendamente justo, pois o próprio recado que ratifica esta posição, já nos vem de Cristo: "Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e o resto será dado por acréscimo". E ainda mais... o 13º salário é um extra importante no nosso orçamento: Somos gente também, e gostamos de festejar o

natal, de dar presentes aos nossos filhos, de visitar os amigos. Precisamos, durante as férias sair da rotina, passear, fazer cursos, refazer as energias para o próximo ano. Como fazer isto se nos é negado o 13º salário.

E o reajuste semestral? Será que também a este não temos direito? De novo a pergunta: por que? Quando todos, em prosa, verso e discursos exaltam as qualidades e a importância do Professor caracterizando-o como um ser nobre, e até superior a lei, fazem exatamente o contrário: Tratam-nos como inferiores...

Pelas nossas mãos passam todas as pessoas, das mais diversas profissões. A elas ensinamos o valor do reconhecimento e das leis. E a nós ela não atende e não beneficia.

Perguntamos: isto é justo? Quem pode nos responder?

E o piso salarial? temos o privilégio de sermos a única categoria em que muitos ganham menos que o salário mínimo. Será que existem supermercados especiais para nós, onde os produtos custam menos? Estamos procurando.

Por outro lado, foi negado a nossa categoria a aposentadoria aos 25 (vinte e cinco) anos de trabalho dignificante, porém, inegavelmente desgastante, pois trabalhamos com o material mais complexo do mundo acima de tudo, o mais sagrado: o próprio ser humano.

Aquele que amanhã conduzirá os destinos da Pátria e de uma sociedade mais justa, mais digna e menos marginalizada.

No dia de hoje todos os Professores do Brasil, mobilizados conclamam:

"Só queremos justiça! O resto é consequência..."

## APROVALE

Assoc. dos Profes. do Médio Vale do Itajaí — C.P. 2137 Blumenau - SC

## III Encontro Nacional de Estudantes de Direito

Será realizado nos dias 16, 17, 18 e 19 de abril em Goiânia, o IIIº Encontro Nacional de Estudantes de Direito.

Além do congressamento natural, o encontro objetiva a discussão de problemas per-

tinentes a classe e, também, de temas palpitantes de interesse nacional, tais como: Estatuto dos Estrangeiros, Constituinte, Conjuntura e Direito, Ensino Jurídico e Mercado de Trabalho.



Por Maria Odete O. Olsen

As vésperas de entrar numa sala de parto, e pela segunda vez, passar pela via crucis da reprodução, ou, simplesmente gerar um novo ser, tenho de admitir a felicidade e a força do significado desse parágrafo oriundo de um debate sobre a mulher em função do seu dia (8 de março). A importância da colocação permanece, talvez, porque justamente ela apareceu num momento não muito fácil da minha vida, e não sei se por isso, mas de repente reforçou os conceitos e principalmente a consciência que há alguns anos carrego comigo sobre mulher, feminismo, feministas.

Mas espere, não correlacione assim de imediato a maravilhosidade desse choque entre a minha gravidez já no seu final e a comprovação dessa consciência, dessa descoberta do meu papel de mulher, graças as palavras da Iredede. Como milhares de mulheres nesse país afóra, eu não quis esta gravidez inicialmente. Mas não por ser esta uma opção minha de mulher, com direitos sobre seu próprio corpo para decidir o que fazer com ele e no caso, não, ter a criança. Como milhares de mulheres, eu simplesmente não queria ter mais um filho por medo. Medo demais uma vez passar por esse papel de fêmea. De aprofundar ainda mais uma situação, uma fase de vida, gerando uma nova vida. Medo de me perder de uma vez nesse turbilhão, nesse moto contínuo denominado estrutura familiar. Medo de desaparecer, e bem verdade sem nunca ter surgido, mas enfim, de dissipar aquela esperança do sonho maior. Resumindo, o medo real do subde-

# Maternidade - um ato político ?

"Eu acredito que as mulheres que se tornam conscientes da luta pelos seus direitos, elas estão cada vez mais compreendendo que ter filho é um ato político. Ter filho significa mais do que "pade- cer no paraíso" e mais do que uma graça; significa

envolvido podre e dopado pelo consumismo, sem forças para abrir a boca, no entanto calado, insistindo na produção de novas bocas igualmente alienadas, paradas... eu me apavorei. Um casal novo que estuda em fundação particular, faz conquistas (sic) à base de prestações, com um filho, novos em empregos buscando afirmação, pode ter outro filho? Pois toda a minha grande consciência de mulher, de feminista, de universitária, de jornalista, de repente estagnou, esmagada ante esse peso entranhado a gravidez de um segundo filho.

(Abro aqui um parênteses, sem questionar nesse momento essa estrutura familiar, seu surgimento, suas bases, seus métodos de controle, etc. etc. Isso porque infelizmente a vida em absoluto, segue linhas psicológicas, padrões sociológicos, etc. etc.)

Somente sei que esse conflito me levou a descobrir várias coisas e todas elas muito diretas e objetivas e aterradoras para uma principiante, como o preço altíssimo de um aborto dentro de moldes que garantem a vida, e que justamente por isso só podem ser praticados por uma minoria cuja consciência de liberação por isso mesmo, ser muito questionável; a existência e proliferação das "mata-doras de anjos", gente que não garante o "serviço", mas que te oferece uma opção por preço de feira.

Meu filho de quatro anos insistia há algum tempo num irmão. Parece cândido e simples, mas os pedidos dele fugiram com meus demônios. Nessa condescendência que a gente tem somente com a gente mesmo, estou achando válida essa segunda vez com todas as suas implicações. Agora já existe a emoção, a expectativa e eu sei que a vida vai continuar. Covardia? É uma pergunta com a qual vou conviver. Se o INPS pa-

drocinasse a curetagem, eu e muitas outras em meu lugar, teria tido tantos conflitos antes de permitir a gravidez ou teria abortado?

É claro que esta não é a revelação de uma vida, mas antes, a ilustração breve de um drama aparentemente muito simples que somente a mulher enfrenta, porque somente ela concentra esse poder de decisão independente da força de todos os espermatozoides universais. E por este drama ser encarado tão simplesmente, por não depender da votação de câmaras federais, da campanha para uma eleição, do parecer presidencial, no máximo das atenções do clero, dos depoimentos do Ga-beira, é que prossegue nessa permanente jornada de vida, de eterno-bicho acuado em que vive a mulher.

Exagero? Continuamos sabendo que somente nos centros maiores uma minoria de mulheres está incorporando a suas vidas um cotidiano mais honesto. Quem? Médicas, psicólogas, jornalistas. Aqui dentro da nossa realidade provinciana, continuam as liberadas arrumando primeiro a casa e os filhos, para daí organizar seus "discursos feministas", ensaiar suas teorias, arquitetar sua liberação. O que existe mais, acredito, é o medo de abrir o jogo com o parceiro e ficar sujeita a perde-lo, quando na realidade ele poderia ser o aliado número um numa situação paralela a nossa conquista num país onde o homem também é comprimido. A conscientização precisa partir do princípio de que ela colocando filhos no mundo, está somente fortalecendo um esquema que insiste em ignorar a sua força produtiva, alegando principalmente entre outras causas, sua fragilidade biológica.

Aqui um voto de louvor aos grupos de bases que atuam nesse sentido.

É preciso que a mulher insista principalmente em sua empresa na implantação da

## REPRODUZIR A FORÇA DE TRABALHO.

Irede Cardoso - Jornalista; Psicóloga)

creche e junto ao município e ao estado uma vez que sua implantação é, basicamente, de suas competências. Deixo aqui a pergunta, só aqui no vale do Itajaí, quantas creches existem proporcionalmente ao número de mulheres que para aqui se deslocam para trabalhar nas indústrias têxteis?

É preciso que a mulher insista em sua casa no sentido de impor junto aos membros que com ela compõem a família, da necessidade de divisão de tarefas. Apesar de cantada em verso e prosa a decadência dessa estrutura, a nossa geração ainda convive com ela. Assim, enquanto ela subsistir, a mulher precisa expor as necessidades que ela tem de liberdade, de cultura, de lazer. E já que nesse pequeno núcleo as responsabilidades ficam e suas mãos, cabe a ela a coragem então de determiná-las.

Enfim, é preciso que a mulher desperte para a sua função feminina de reprodução, "que não é simplesmente um ato individual, único e repetido, situado simplesmente no plano biológico. A politização em torno da maternidade, embora alcance ainda uma pequena quantidade de mulheres, é um movimento que já se iniciou. Mas não é por isso que as mulheres vão deixar de ter filhos. O que está limitando a maternidade atualmente é a consciência crescente de que a situação econômica está cada vez mais precária neste País. Dessa forma, diminuem no Brasil os índices de natalidade, o que é visto com muito prazer pelas autoridades governamentais, que não analisam os motivos pelos quais as mulheres brasileiras deixam de ter os filhos que elas desejam. Então, há um controle de natalidade pela miséria e, paralelamente, um movimento de mulheres colocando a maternidade como um ato político."

# IMPU(DICAS)

Envie-nos suas impu(dicas) que nós publicaremos até o dia 25 de cada mês. (Meia lauda - No máximo - Espaço 2)

## NA SEMI-ABERTURA DO SINDICALISMO

Depois de seu passeio pela Europa, o nosso Lula voltou um tanto embaçado pelo chamado "choque com o futuro"... lá, afirma: "o computador dos patrões briga com o computador dos sindicatos"... "aqui, estamos na década de 30"... na idade da pedra (em termos sindicais), também pudera, os métodos do lado de cá ainda são os mesmos (o pessoal se infiltrando no operariado e desenvolvendo uma certa confusão para imprimir um caráter anárquico ao movimento e deslegitimando as verdadeiras reivindicações) o que não altera muito, porque a verdade culmina por prevalecer, mas há um atraso no processo...

Nessa corrida, largamos atrasados com um carro que não é o do ano e ainda temos que aguardar os reparos na pista, na esperança que o juiz da prova nos tolere pela persistência e "espírito esportivo". — (Oldemar Olsen Jr.)

## OS NOSSOS PROFESSORES

Não dá mais mesmo, professor é classe crédula e ingênua demais. Em Dezembro/80 confiaram nas promessas do Governo Estadual e acabaram com uma greve que estava dando certo. Agora, foram surpreendidos pelo evasivo Antero Bornhausen. Resultado, os designados e substitutos não foram enquadrados no Plano de Reclassificação, os 50 mil mensais não passarão de 40 mil e as 20 horas semanais subirão para 25.

E ainda tem professor por aí dizendo que não se deve fazer greve, mas paralização, que é preciso confiar no Go-

verno. Fomos enganados mais uma vez. O Jorge Nercolini está rindo de nós. Os alunos não confiam na classe, um exército de desesperados, apegados cegamente a um emprego humilhante. — (José Endoença Martins).

## DE ARTE E INTERESSES

No dia 15 de fevereiro publicamos um contundente (porém criterioso) comentário no Jornal de Santa Catarina, denunciando a inoperância do Setor de Cultura da FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau. Duas semanas mais tarde foi publicado um artigo assinado por um crítico, mas também "marchand" (atividades nem sempre conciliáveis) fazendo um largo e apologético discurso de exaltação à dinâmica promocional do Setor de Cultura daquela Universidade. "Dinâmica" naquele Setor no decorrer de 1980, com exceção do "marchand", ninguém viu. Para o galerista evidentemente foi um bom ano. A universidade é uma boa cliente sua (se for necessário me será muito fácil argumentar). Do jeito que o panegírico foi redigido ressoa bastante mercenária e venalmente o seu propósito. — (Vilson do Nascimento).

## REDESCOBRINDO A FILOSOFIA DA AMBIGUIDADE

No conto: A Herança Maldita de Jean-Paul Sartre (ver antologia 21 Dedos de Prosa), motivado por Huberto Rodhen, fiz uma nota ao pé da página explicando as diferenças entre CRIAR e CREAM... dizia que CREAM é a manifestação da Essência em forma de existência — CRIAR é a transição de uma existência

para outra existência; o Poder infinito é CREADOR do universo — um fazendeiro é fazendeiro é CRIADOR de gado...

Agora, recentemente, quando participava do lançamento da obra: Contistas de Blumenau (2), um leitor me interpeleu dizendo que estava em dúvida (depois de ter lido o conto) já não sabia se chamava aquele apêndice ao lado da cama de: criado-mudo ou de creado-mudo... ora, talvez a resposta seja simples, nestes tempos em que pensar é o que menos importa, o ideal é ignorar o CRIADO-MUDO e partir para a CRIADA-BOA... sem maiores implicações filosóficas. — (Oldemar Olsen Jr.)

## NOSSOS ESTUDANTES

Sem dúvida, os estudantes catarinenses venceram o Governador Jorge Bornhausen por 3x2. A Abertura saiu fortalecida, o João deu provas de bom senso ao comunicar à Justiça Militar de Curitiba que não conseguira identificar os indiciados como seus agressores. Só as autoridades catarinenses perderam uma boa oportunidade de ficarem quietas e lavrarem um tento político importantíssimo. Radicalizaram em nome não sei de quem. Resultado: foram batidos completamente.

Os estudantes saíram fortalecidos, redimidos, engrandecidos na batalha que empreenderam desde o incidente com o Presidente até a decisão favorável de Curitiba. O espaço está conquistado. E à classe estudantil cabe, agora, alargar, cada vez mais, este espaço. A luta dos 7 estudantes foi uma luta contra o arbítrio e a prepotência daqueles que, sem o aval do povo, se julgam no direito de, dos seus castelos, decidirem os destinos des-

te mesmo povo que não representam.

Sem dúvida, foi também uma vitória do povo catarinense contra as oligarquias que nas palavras fortes do Senador Jaison Barreto "já estão mortas". — (José Endoença Martins).

## LAZINHO APONTA NOVO PROTEGIDO: DESTA VEZ, PAULINHO!

Sempre na oposição, o hoje senador Evelásio Vieira (ex-MDB, atual PP e líder nacional do novo partido, não por acaso) pautou-se por uma conduta, à primeira vista, estranha. A cada eleição, novo protegido. Assim, apoiou (sempre elegendo) Nelson Tófano, este trocado por Álvaro Correia, e aí falha a memória do repórter... No plano municipal, digamos, desinteressou-se da eleição de seu genro, o hoje advogado Francisco Mendes de Mello. Para compensar a aparente omissão, guindou o nobre aparentado a condição de membro da Câmara Alta dos Deputados.

Caso não seja candidato a governador, sonho acalentado dos tempos em que administrava a Cidade Jardim, como seu governador-mor, poderá lançar-se à prefeitura, nos melhores moldes dos cavaleiros à Lancelote, pretendendo dominar o reino, o reinado e a rainha... Só que desta feita, "le nouveau" protegido sai das fileiras governamentais. Já lançado e em ampla campanha, o professor José Paulo de Souza, o "Paulinho" dos alunos, reúne forças comparáveis aos imbatíveis (sic) candidatos postulantes ao cargo entre as mil agremiações existentes (Gervásio Tessaleiro Luz).



**CAMISETAS PROMOCIONAIS.**

**CAMISAS, CAMISETAS, CONJUNTO EM MALHA DE ALGODÃO**

Rua General Osório, 950 - C.P. 2088

Fone (0473) 22-4438 - Bairro da Velha - Bl. SC.

# Cães & Gatos

José Endoença Martins

## A LSN do JB

Acho o nosso Governador. Um exagerado sim, mais ainda lhe falta muita bossa para chegar aos pés do Ataliba. Principalmente, daquele saborzinho próprio que o dito Ataliba adiciona aos seus espetos-corridos. Você não acha, leitor?

Pois é, espetos-corridos à parte, o nosso Jorginho é um exagerado mesmo porque presume que a sua vida privada (privada? que língua a nossa) adquiriu status de uma privilegiada área de segurança nacional. Muita presunção essa do nosso Jorginho. Ele não é a Segurança Nacional, nem a Segurança Nacional é o Jorge. Mas, por uma dessas coincidências que só nós conhecemos ou por uma dessas benesses que, de Brasília se propaga pelo País afora, o nosso Jorginho hoje se encontra encastelado no Palácio Cruz e Souza. Eleitoralmente sem nenhum peso. Menos peso que o nosso lidador Piranha que, no Bairro da Fortaleza, é imbatível.

Porém o Jorge é o Jorge e achou por bem tascar um baita processo em cima de quatro jornalistas catarinenses, três do "Afinal" e um da "Gazeta do Vale". Tudo isso por uma ninharia. É que os supra-citados jornalistas resolveram de reproduzir, nas páginas de seus jornais, uma matéria da "Hora do Povo", na qual o nosso Jorge figurava numa lista de ricos cidadãos brasileiros com dinheiro estocado na suíça. E o Jorge, tão zeloso que é da sua vidinha particular, verdadeira área de segurança jorgizada pra nenhum jornalista abelhudo bôtar o bedelho, não deu nem bola para a Lei de Imprensa, correu logo a socorrer-se da LSN.

Resultado, os quatro jornalistas da terrinha foram enquadrados na dita segurança e, semana passada, o Procurador Militar da 5ª Circunscrição Judiciária Militar, sediada em Curitiba, pediu uma pena de dois anos e três meses de prisão para os réus. Porém o advogado Nelson Wedekin que defende os jornalistas

Silvio Rangel de Figueiredo da "Gazeta do Vale", Sérgio Rubim, Jurandir Pires de Camargo e Nelson Rolim de Moura do "Afinal", já apresentou a sua defesa. Lá pelas tantas dá defesa, Nelson diz: "não se pode confundir Segurança Nacional com a segurança política do Governador de Santa Catarina, que não pode, nem tem o direito de envolver esse respeitável Tribunal (A 5ª CJM;) em questão de província".

Claro, Santa Catarina não passa de província e o nosso Jorge provou, com todos as letras, ser um provinciano desajeitado querendo derrubar seus inimigos a qualquer preço.

A nossa esperança, porém, é que como no caso dos estudantes, os jornalistas sejam absolvidos e o governador amargure o ridículo da sua ação intempestiva. Por que, para mim, a atitude do Governador, além de anti-catarinense e antidemocrática, é demasiada presunção para quem não consegue manter, no seu partido, nem o próprio primo.

Um dia, ainda veremos o nosso Jorge que não teve peito para levar o nosso prefeito, nem o nosso Samae, pedindo desculpas ao povo. Naquele dia, riremos da nudez do Governador. Quem viver, verá. Anotem aí.

## NOSSOS COLABORADORES

A Polícia de Blumenau pode dormir descansada. O blumenauense é um eterno vigilante, um ótimo colaborador. A prova do que estou dizendo eu tive numa sexta-feira aí. Bastou que populares notassem a presença de um homem mal-vistido, postado em frente a "Loja Probst", um moço de chaves na mão, para decidirem: "é ladrão". Ato seguinte, a Polícia foi acionada e, em poucos minutos, o suspeito foi carregado.

Vão parar com isso aí, gente. Chega um dia vocês são os suspeitos e, na certa, vão reclamar da presteza dos outros em colaborar com a Polícia. De vagar, beautiful people. Nem tanto ao mar, nem tanto ao mar, viu.

## Professores cariocas garantem presença no Seminário de Educação

O chefe do Gabinete da Prefeitura de Blumenau apresentou um relato de seus contatos no Rio de Janeiro, com vistas à participação de uma série de especialistas em educação no Seminário Nacional sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, destacando a confirmação da presença de Luiz Antônio Cunha, da Fundação Getúlio Vargas, Vanilda Piava, do Instituto Brasileiro para o Desenvolvimento da Educação e Zaira Brandão, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Os três professores, todos com mestrado e doutorado no exterior, coordenam cursos de pós-graduação em suas respectivas instituições e tem sido os principais questionados da lei 5692, especialmente no que se refere ao ensino profissionalizante e à formação de professores. Do primeiro painel do Seminário, so-

bre "o município e o Ensino de Primeiro Grau" participará a professora Ana Maria Brasileira, da Unicef, órgão da Organização das Nações Unidas voltado para a criança.

Mauro Dorigatti esteve também com o diretor superintendente do IBAM — Instituto Brasileiro de Administração Municipal, Diogo Lordello de Mello, que participará do simpósio em Blumenau defendendo a tese de que o Estado e não o município deve arcar com a maior parte das despesas do ensino de primeiro grau gratuito e obrigatório.

Por outro lado, em contato com o diretor da Central Globo de Televisão, Eurico Andrade, ficou acertado que uma equipe de jornalistas especializados daquela emissora virá a Blumenau para dar a mais ampla cobertura do seminário.

## Prêmio de Turismo para Blumenau

A cidade de Blumenau receberá no próximo dia 25, em solenidade no Caesar Park Hotel, no Rio de Janeiro, a medalha e o troféu Imprensa

de Turismo na condição de "Destaque Turístico de 1980", conforme escolha realizada por uma comissão de jornalistas especializados do setor.



### TRANSPORTES DE CARGAS, ENCOMENDAS

#### MATRIZ

Rua Artur Balsini, 106 - Telefone 22-1300 — 22-2190 — 22-2410

End. Telegr. TRANSVALE BLUMENAU — SC

#### FILIAIS E AGENCIAS

JOINVILLE: Rua Inácio Bastos, 1139 - Centro  
Fone (0474) 22-1077 - Telex 0474(207)

FLORIANÓPOLIS: Rua Leoberto Leal, 1067 - Barreiros  
Fone (0482) 44-2937 - Telex 0482(212)

LAGES: Rua São Joaquim, 470 - Copacabana

Fone (0492) 22-0571 - Telex 0473(466)

CHAPECÓ: Rua 7 de Setembro, 687 - Centro  
Fone (497) 22-1866

HERVAL DO OESTE: Rua Santos Dumont, 200 - Centro  
Fone (0495) 22-0616

CRICIÚMA: Av. dos Italianos, 735 - B. Sta. Augusta  
Fone (0484) 33-2903

TUBARÃO: Rua Roberto Zumblick, 871 - Centro  
Fone (0486) 22-0748

ITAJAÍ: Rua José Gall, S/Nº - Dom Bosco  
Fone (0473) 44-2291 - Telex 0473(425)

BRUSQUE: Rua Prefeito G. Schaeffer, 38 - Centro  
Fone (0473) 55-1360

SÃO BENTO DO SUL: Rua Aviador Harry Bollman, 335  
Fone (0476) 33-0220

CAÇADOR: Rua Fernando Machado, S/Nº Centro

INDAIAL: Rua Carlos Schroeder, 168  
Fone 33-0169

JARAGUA DO SUL: Rua Exp. João Sapella, 214  
Fone (0473) 72 1911 - Telex 0474(330)

RIO DO SUL: Rua Ibirama, 1659  
Fone (0478) 22-0544

TIMBÓ: Rua Blumenau, 863  
Fone (0473) 82-0088

**SERVIMOS BEM PARA SERVIR SEMPRE**

## ENTREVISTA

DARCY  
RIBEIRO

Darcy Ribeiro, antropólogo, etnólogo, criador do Parque Nacional do Xingu, em cujo seio, há mais de vinte anos, numerosas tribos tiveram garantidas a paz e uma total autonomia cultural; escritor, autor das seguintes obras

A Universidade Necessária, O Processo Civilizatório, O Dilema da América Latina, Os Índios e Civilização, Teoria do Brasil, Unb — Invenção e Descaminho. As Américas se a Civilização, Uirã, a Procura de Deus; romancista, bem sucedido com o livro Maira e, já em preparo: O Mulo. Todas obras de sucesso que totalizam 58 edições em diversos idiomas, só no México, por exemplo, Maira tem nove edições, enquanto no Brasil está apenas na terceira; educador e político quando, em 1962 tornou-se Ministro da Educação e Cultura no Governo Hermes Lima, e logo após, no ano seguinte, Chefe da Casa Civil e Conselheiro do Presidente João Goulart. Após a derubada do Regime Parlamentar no Brasil, o exílio, a prisão e novamente o exílio, passaram a ser o testemunho da noção que ele criou para o próprio uso, da liberdade e da dignidade dos povos, não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina, que amou como a imagem de uma pátria imensa; um dos fundadores da Universidade de Brasília e seu primeiro reitor; teve um papel atuante e transformador nas reformas das Universidades do Uruguai, Chile, Argélia, Venezuela e Peru; o único brasileiro a ser laureado com o título de Doutor Honoris-Causa da Sorbonne — a universidade mais velha do mundo —; o primeiro intelectual brasileiro a ter sua voz gravada em disco numa coleção especial denominada Vozes Vivas da América, promovida pela Universidade do México.

Darcy Ribeiro, a despeito de tudo isso, é um homem simples, preocupado com a vida e a sua beleza — beleza que aprendeu a cultivar em sua vivência com os índios. beleza recriada pela arte de seu gênio que soube interpretar como ninguém o crepúsculo de uma raça e, ainda que tonitroante, é a voz consciente a inquietar sistematicamente a surdez dos responsáveis pelo descaso em que fenece a educação brasileira.

(O. O. J.)

Entrevista exclusiva

**S**endo um homem político e educador que sentiu na carne as consequências da "Revolução de 64", como você viu essas mesmas consequências na educação?

Darcy Ribeiro — Eu seria muito vaidoso se dissesse que a educação ia muito bem e depois foi muito mal. Seria até bonito, na minha biografia, se eu pudesse dizer isso, que como Ministro da Educação dei solução a tudo, que depois que saí do Ministério tudo deu com os "burros n'água"... não é assim.

A educação é uma tarefa que o Brasil nunca levou a sério, porque no Brasil nunca houve povo. Os poderosos nunca deram atenção aos interesses do povo e, inclusive, no nosso tempo também. É certo que nós estamos fazendo um esforço. A Constituição de 1964, determinava que o governo federal gastasse 10% com educação, conseguimos com a diretrizes de base que se passasse de 10% para 12% e obrigasse os estados a gastarem 20% e os municípios a gastarem 20%. Quando eu fui Ministro da Educação ainda, o governo federal gastou por minhas mãos, 11,2% com educação; posteriormente, para fazer uma idéia, isso foi caindo e, no ano passado (1979), o governo gastou 4,7%, ou seja, menos da metade. Isso indica um estado de descaso com a educação, ninguém diria que ele não quer bem a educação, ninguém diria que não acha que a educação seja um problema sério no Brasil, mas de fato, pode ser levado a sério alguém que trata a educação como esse governo militar tratou? Dedicando a educação, metade dos recursos que se dedicava antes, quando a juventude dobrou, o número de crianças na escola dobrou, também. Como é que você pode gastar a metade... qualquer pessoa mais velha pode sentir, fazer uma escola pública antigamente era uma intenção séria, uma escola pública era a casa que tinha a cara do estado, a cara da pátria; cada criança ia para aquela escola igualmente, como todas as outras crianças e a casa tinha a sua dignidade. Nos últimos anos, eles começaram a fazer escola-barraco, com a idéia de que, quem vive em barraco, quem vive em rancho, pode estudar em rancho. Ninguém pensou em não fazer viaduto, por exemplo, mas alguém decidiu que era importante gastar dinheiro em viaduto, era importante gastar em estradas, eu não digo que não seja, mas alguém decidiu que era desimportante gastar em escola. Então, realmente, esse governo, pelo critério de verbas onde ele pode ser medido e, a história apresenta o Brasil pelo critério de verbas, se indica que hoje em dia se dá a metade da atenção que se dava antes; além disso há coisas piores com a educação, piores e igualmente graves. Uma das coisas graves foi a tendência de ideologizar a educação. Em lugar de se considerar que a educação é um mecanismo, um sistema, uma instituição destinada a comunicar experiência humana e, fundamentalmente, educação primária, a ensinar a ler, escrever e contar e, em lugar de considerar a educação nisso que ela é, a

educação começou a ser endoutrinadora... não tem um tal de Educação Moral e Cívica, com sargentos ou cabos ou coronéis ou não sei o quê, dando aula, do primário até o doutorado ou seja, tem tanta aula de patriotismo que não tem ninguém mais patriota, mas era uma tendência de fazer lavagem de cérebro, era uma tendência de usar a escola para uma disputa ideológica, o que foi muito ruim. Além disso, o número de estudantes, de professores que foram depostos das escolas por ordem ideológica, o medo que se instalou em todas as escolas, qualquer estudante podia ser tirado de uma faculdade por três anos, sem processo, sem nada, apenas, porque o coronel estava com má vontade... e aquele que saísse daquela universidade pelo "480", não podia entrar em mais nenhuma outra, e o que ninguém se lembra é que um professor também, qualquer professor poderia ser cassado por cinco anos, ora, o professor é um profissional, é como proibir um médico de clinicar cinco anos, quem é que pode viver num sistema desses? E centenas de professores, milhares de estudantes foram postos fora, milhares, puderam ir aos "trancos e barrancos" estudar no estrangeiro, mas a maior parte ficou aqui; por outro lado, outro aspecto, também muito trágico, da educação brasileira, as pessoas mais competentes saíram da universidade... se você pega na matemática, na física, na química, na antropologia, na teologia, no direito, em todos os campos. As pessoas, dos 10 mais importantes, cinco foram excluídos, então, o Brasil não se pode dar ao luxo, tem tão poucos quadros multiplicadores, um quadro com Leite Lopez, Oscar Niemeyer, Celso Furtado, tantos outros, Florestan Fernandes, Otaviani, Paulo Freire, Anísio Teixeira, as figuras principais da cultura brasileira, aquelas que, nós com um esforço enorme, a universidade funcionando durante décadas, passando pela universidade milhares de pessoas e, eis que saltam como as sementes, os multiplicadores, que vão melhorar a qualidade da cultura, quando eles são postos lá fora; vão melhorar a cultura dos outros, é claro que os outros países receberam de braços abertos a todos nós... as pessoas chegavam lá, uma semana depois já estavam contratados, mas nós é que tínhamos necessidade, e é claro que a cultura brasileira ficou quebrada.

**A — Sim, então os Descaminhos da UnB foram um reflexo dessa "Revolução"?**

Darcy Ribeiro — Olha, a UnB foi a aspiração mais profunda (UnB — Universidade de Brasília) foi a aspiração e a vocação mais alta da intelectualidade brasileira, mais de 100 cientistas, pensadores, filósofos se juntaram, para em função da nova capital pensar na universidade que deveria funcionar na nova capital. Era um tempo bonito, tempo de Juscelino, tempo generoso, otimista, em que se tentava passar para a vila ainda, de certa forma, e o Juscelino podia, se fosse hoje em dia, ter convidado um reitor qualquer "borocoxó" para fazer a Universidade de Brasília, como

era o Juscelino, convidou a mim, Anísio Teixeira, convidou a gente que costumava, que vivia a universidade. Então, nós fizemos da criação da universidade de Brasília, uma operação de exame crítico do que tinha sido a universidade do Brasil e tentamos fazer aquela universidade da qual o Brasil necessita para tomar conhecimento de si mesmo, para procurar novos caminhos, uma universidade que fosse um espelho que o Brasil se visse e se encontrasse e desse solução a seu problemas. É claro que uma universidade assim não pode existir sem nenhuma liberdade, uma universidade assim não pode ter professor nomeado, uma universidade assim não pode ter... no dia em que o governo despediu 16 professores porque disse que eram subversivos, 250 saíram... e o que fizeram com Brasília? Chamaram a "prata da casa", que não era bem prata, era outra coisa da casa... um cargo de matemática, que era dado por um dos maiores matemáticos do mundo, um de botânica, um de genética, dado por autoridades do mundo inteiro e substituídos por aquela "prata" goiana, a universidade foi para um nível miserável. Depois é que a universidade melhorou um pouquinho, porque trouxeram mais gente, mas melhorou como universidade técnica, melhorou como universidade capaz de dar aulas, mais ou menos bem dadas, não como universidade

Nós não podemos ter, realmente, um a educação. A educação que o país necessita, sem democracia. Mas é preciso que esse país mude de atitudes em coisas muito fundamentais, você veja, há um século atrás, em que a Argentina estava criando a grande escola pública, então, a Argentina tem hoje, menos de 6% de analfabetos e mais de 80% das crianças completam 6 anos de primário. Seis séries de primário, 80%. No Brasil, menos de 20% completam 4 séries do primário. Você veja que coisa horrível, apenas 400 de cada 1.000 crianças que entram na escola primária, no ano seguinte só se inscrevem (no segundo ano) 400, ou seja, 600 não conseguem passar do primeiro ano, então, é uma brincadeira, uma anedota, dizer que há educação no Brasil. Há uma quantidade imensa de escolas que são refeitórios onde os meninos pobres vão comer uma merenda, mas não dá educação nenhuma. Em nenhum lugar do mundo se concebeu jamais, se pensou jamais, que se podia dar escola primária com menos de 6 horas; menino alemão precisa de 6 horas para aprender ler, escrever e contar em alemão, menino francês, menino soviético, menino norte-americano, menino brasileiro é um gênio, em duas horas e meia pode aprender... como o menino brasileiro não é gênio coisa nenhuma, então, não

educação primária, é mostrar que o menino está lá, moreninho, pretinho, indiosinho, e também burrinho, porque não vai passar... porque a língua que ele fala não é a língua da professora; então, a função da escola, numa competição que, aparentemente é livre, o menino que chega lá, de família melhorzinha, mais alimentadozinho, esse falando a língua da professora, passa de ano, o outro não passa, então a escola prova para o menino pobre que ele é pobre porque é burro, mas não prova que ele é burro porque é pobre, o que é a realidade. Então, a escola com proposição tremendamente reacionária nesse país, o que nunca se fez em nenhum país do mundo, não há país no mundo que não tenha levado mais a sério do que nós; você veja, todos nós podemos ter um certo orgulho, triste orgulho de que a situação brasileira é um pouco melhor do que a paraguaia, que é verdade; um pouco melhor do que a boliviana... do povo... na educação não, a educação paraguaia é muito melhor do que a brasileira, isso é crível porque, como é que esse país pode tratar a educação com tanto descaso? Essas são questões muito sérias.

#### A — Ensino pago x ensino gratuito?

Darcy Ribeiro — O lugar de pagar imposto é na empresa, onde se tem lucro, não é na escola. Então, o Maluf veio com essa mania, eu diria ao Maluf, então, cobre... de verdade, o estudante em São Paulo não custa, em média, menos do que 20 mil cruzeiros por mês, ele vai cobrar 20 mil cruzeiros por mês? Não, vai cobrar dois, vai cobrar um; então, que não cobre nenhum. Que cobre das empresas. Se, é o que eu digo sempre, se o Maluf, ou o estado que quiser cobrar a educação, se eles adotassem a escala de imposto de renda do estrangeiro, das multinacionais que estão lá ganhando dinheiro, do Japão e da Alemanha, daria tanto dinheiro que daria para manter boas universidades como há no Japão e na Alemanha. Universidade é uma instituição pública que tem que ser mantida pelo governo, tem que ser mantida pelo poder público. Uma nação não pode deixar

## UNIVERSIDADE É UMA INSTITUIÇÃO QUE TEM QUE SER MANTIDA PELO PODER PÚBLICO



Da esquerda para a direita: o escritor catarinense - Oldemar Olsen Jr. e o escritor Darcy Ribeiro foi apresentado a antologia "Assim".

de ter universidade, porque universidade é quem comunica a nação para a cultura do mundo, ao seu tempo e nesse tempo nosso, é uma cultura de civilização fundada na ciência; ou nós temos universidade capaz de dominar a ciência ou nós estamos fora do mundo e isso é até um risco para a segurança nacional, porque, o que é que acontece com o povo que está marginalizado das correntes do saber do mundo? Então, uma nação necessita disso. Isso tem que ser pago, isso é caro, mas isso tem que ser pago e não tem que ser pago pelo estudante. O absurdo maior do Brasil é que a expansão da matrícula que ocorreu nos últimos anos foi muito grande. As matrículas aumentaram mais de 10 vezes. Mais o que sucedeu de 60 a 80? O que cresceu foi a escola privada.

Quando eu era Ministro, 70% dos estudantes estudavam em escolas públicas em Universidades, hoje, 73% estudam em escolas isoladas e pagas. Ora, é um absurdo, o

## ...A ESCOLA PROVA PARA O MENINO POBRE QUE ELE É POBRE PORQUE É BURRO, MAS NÃO PROVA QUE ELE É BURRO PORQUE É POBRE, O QUE É A REALIDADE.

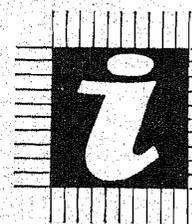
que o Brasil necessita para ser capaz de conviver com as universidades do mundo, e para que o Brasil seja capaz de tomar a iniciativa da mesma altitude que a própria Brasília.

#### A — Como se resolveria o impasse da educação no Brasil?

Darcy Ribeiro — Eu não sei como se resolveria. Não há soluções de algibeira, não é uma coisa fácil. Primeiro, só se resolve em democracia, então, democracia é mais importante que educação.

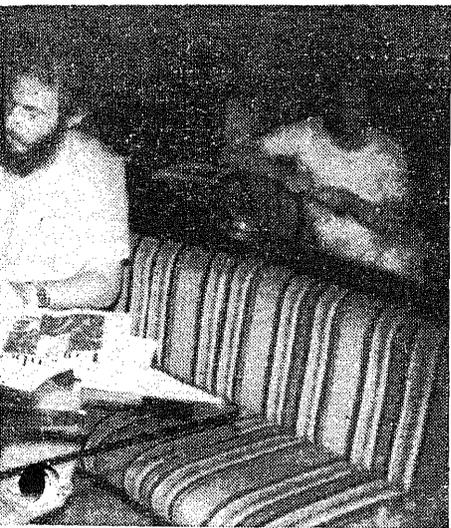
está aprendendo, porque escola funciona no suposto de que alguém em casa possa estudar mais três horas e meia com o menino e que esse alguém tem o curso primário completo. Como 90% dos brasileiros não tem essa pessoa livre em casa e não ter em casa uma pessoa que tenha o primário completo, a educação é uma mentira. Então, esse país chegou ao ponto, em que a educação primária é privativa, é elitista... a educação primária é dos ricos. A função principal da e

**Estudante.  
Crie, ouse, renove, construa.**



TOALHAS  
*indaiab*

INSTITUIÇÃO PÚBLICA QUE  
PELO GOVERNO, TEM QUE  
PÚBLICO...



tor Darcy Ribeiro e os autores ca-  
lson do Nascimento. Após a entre-  
com algumas obras de autores ca-  
: "Outros Catarinenses Escrevem

que cresceu foi a traficância de e-  
cação. Esse país, é o primeiro  
país do mundo que faz a aventura  
de meter a mentalidade empresa-  
rial dentro da escola. Eu estou  
sempre lembrando, uma empresa  
existe para ter lucro, que é legiti-  
mo, mas não nos esqueçamos que a  
palavra lucro, no latim, significa  
logro. Lucrar é lograr, então, que-  
r que a escola logre, também, que  
empresas logrem eu já não gos-  
to, mas que escola logre também.  
é uma doídura... só cabe na cabe-  
ça do Maluf.

A — Sobre a UnB — Universi-  
dade de Brasília — ainda, terias  
outras colocações a fazer?

Darcy Ribeiro — A UnB era  
uma promessa e uma aspiração,  
não era, é... é claro que um dia,  
não os que saíram de lá, mas os  
que estão lá tem dignidade de fa-  
zer a universidade de que o Brasil  
necessita, vão fazer. De que ela  
continue de baixo da intervenção

de um capitão-de-mar-e-guerra é  
uma das vergonhas nacionais.  
Bem, a ditadura já está acabando.  
mas tem ainda sobrevivências, tem  
monstruosidades por aí; uma das  
monstruosidades é esse interven-  
tor, que é um capitão-de-mar-e-  
guerra, que está brincando de re-  
tor ou de interventor lá há anos e  
anos e anos, impedindo o Brasil de  
ter uma universidade capaz de aju-  
dar pensar o Brasil. Mas essa é  
uma tarefa das pessoas que estão  
lá em Brasília, mas também de to-  
dos nós brasileiros. Então, não é  
que eu queira voltar para lá, ou  
que nós que saímos queremos vol-  
tar, é que no Brasil pode haver  
uma cidade-capital, que tenha uma  
universidade capaz de conviver  
com as universidades do mundo.  
Uma universidade avançada, livre  
e aberta.

A — Dentro da política, parti-  
cularmente no Partido Trabalhis-  
ta Brasileiro, sendo um elemento  
atuante, como você vê as greves  
dos trabalhadores em Santos?

Darcy Ribeiro — Vejo a greve  
sempre de uma forma muito posi-  
tiva. O partido também é a favor  
de greve. Nós somos é pela greve  
liberdade sindical e greve. O Parti-  
do Trabalhista... há uma liberda-  
de udenista que se difundiu no  
Brasil, um udenismo genérico que  
tende a olhar cada trabalhista e  
pensar que é um pelego, essa gente  
se comove contra os pelegos, ficam  
emocionados, tem ódio dos pele-  
gos, espumam contra os pelegos,  
inclusive ouvi dizer que alguns de-  
les, ficam irritados com o fato de  
que nos últimos 10 ou 15 anos os  
sindicatos todos estavam sob in-  
tervenção policial, você ouviu fa-  
lar de policial no sindicato? O sin-  
dicato estava impedido de atuar.

O Brasil que tinha, talvez  
greve demais, quando nós estava-  
mos no governo, pasou a ter greve  
de menos. Durante um período de  
10 anos o Brasil teve três greves;  
você pode achar que tem greve de-  
mais agora. Aqui tem greve nor-  
malmente como tem no mundo in-  
teiro e é preciso ter greve. Patrão  
e operário estão numa relação an-  
tagônica e que tem que competir e  
o mecanismo de competição é o  
sindicato negociando os contra-  
tos de trabalho, e é o patrão pres-

sionando para baixar o salário e  
o operário pressionando para ele-  
var o salário.

O papel do PTB, é apoiar os  
trabalhadores, no sentido de que  
ele ganhe... então, vai forçar o  
patrão a entender os trabalhado-  
res, inclusive ele vai apoiar... an-  
tes do Getúlio, greve era conside-  
rado um assunto criminal, era  
tratado pela polícia, foi o que esse  
governo fez durante anos, mas a  
democracia significa a garantia  
aos trabalhadores de fazerem gre-  
ves, quantas greves eles queiram  
fazer. É claro que, quem paga o  
preço da greve é ele também, não  
é só o patrão. Então, se você per-  
gunta a um petebista se ele está a  
favor de uma greve, ele, em princi-  
pio, está a favor. É claro que o pe-  
tebista, o bom líder sindical do  
PTB não leva a sua classe a uma  
greve sem possibilidade de vitória,  
não exagera no uso desse instru-  
mento, as greves devem ser feitas  
de forma responsável, mas desde  
que se desencadear uma greve, nós  
do PTB somos uma espécie de Má-  
fia, de Maçonaria, estamos de a-  
cordo uns com os outros, como  
trabalhadores. Nosso lado é o lado  
de cá, assim como a Arena, essa  
nova arena que está por aí, alguém  
tem dúvida de que eles sejam sec-  
tariamente pró-patronais? Nin-  
guém tem, pois isso partiu dos  
patrões, dos ricos, dos bonitos...  
nós somos o partido dos emprega-  
dos, dos feios, dos pobres.

dicato, mas em certas circunstân-  
cias, sim. Ninguém duvida, é uma  
coisa curiosa, ninguém acha ilegí-  
timo que a Associação Rural bra-  
sileira que é a reunião latifundiá-  
ria dos brasileiros, é o sindicato  
dos latifundiários ou que a Fede-  
ração das Indústrias que é o sindi-  
cato dos patrões ou a federação do  
comércio, que eles falem com os  
deputados, com os senadores, que  
o pressionem, que falem dos im-  
postos, ainda ficam irritados cada  
vez que o operário quer fazer isso.

Quando o Lula dá uma cutu-  
cada, dá uma canelada, eu acho  
ótimo. O Lula tem tanto direito de  
dar canelada como tem o presiden-  
te do Sindicato, da Federação das  
indústrias e o governo tem que a-  
tender um e outro. E um gover-  
no democrático é um governo que  
tem que estar sujeito as pressões,  
de todos os lados, mas pressões  
também dos trabalhadores. Até a-  
gora, o que acontecia, é que só se  
admite pressão do patrão, e o que  
ocorreu nesses últimos 10 anos, o  
salário mínimo brasileiro já era  
pequeno, nesses últimos 10 anos, o  
poder de compra do salário míni-  
mo diminuiu pelo menos 25%; ou  
seja, com o mesmo salário míni-  
mo, o operário compra menos qui-  
los de carne, muito menos feijão  
hoje, do que comprava a 15 anos  
atrás. Então, esse operário tem  
que reconquistar isso. Isso que foi  
tirado dele, e foi tirado por quê?  
Porque o governo, toda a luta que

### PATRÃO E OPERÁRIO ESTÃO NUMA RELAÇÃO ANTAGÔNICA E QUE TEM QUE COMPETIR E O MECANISMO DE COMPETIÇÃO É O SINDICATO NEGOCIANDO OS CONTRATOS DE TRABALHO.

A — Você já respondeu, mas  
talvez existam ainda outras coloca-  
ções a fazer sobre a validade de  
uma greve como artifício de con-  
testação de certas normas presta-  
belecidas a um regime de gover-  
no?

Darcy Ribeiro — Um instru-  
mento, um lugar de fazer política  
é o partido, lugar de fazer política  
e lutar politicamente, é o parla-  
mento; não é propriamente o sin-

fazia contra a inflação, dizendo  
que era importante a luta contra a  
inflação, só fazia contra os traba-  
lhadores, não era contra os pa-  
trões. Isso é que levou o país a es-  
se descalabro, dessa situação tre-  
menda, das cidades cheias de gen-  
te, da expulsão da gente do campo,  
dos bóias-frias, dos trombadinhas,  
desses pobres todos aí, que devem  
morrer de miséria.

A — Falando de literatura, a  
liberação dos livros Feliz Ano No-

**dudalina**  
A LOJA QUE ESTÁ NA MODA  
USE SEU CRÉDITO

vo, de Rubem Fonseca, Zero, de Ignácio de Loyola Brandão, pode ser tomada como um passo firme para assegurar essa propalada abertura, ou é mais um engodo?

Darcy Ribeiro — Primeiro, a abertura não é propalada, a abertura é séria. Eu estou aqui falando porque há abertura. Essa abertura é séria e nós temos que levá-la a sério e queremos que ela não volte atrás, ela não pode voltar atrás. Ou seja, se a gente compara esse país com o espírito de três anos atrás, esse país há três anos atrás estava cheio de gente na cadeia, de presos políticos, havia... todo mundo estava com medo do pau-de-arara, se torturava, se matava, se empalava (empalar é meter no ânus de um homem ou de uma mulher para matá-lo... mataram mais de cinco pessoas assim, que se sabe o nome), estupraram e violentaram mulheres em quantidades, isso ocorria como se não fosse crime; isso ocorria nesse nosso país. Nós morreremos de vergonha no dia em que se contar toda a história da brutalidade; nós vivíamos numa noite, num túnel terrível de opressão, não há mais isso, não há tortura, não há presos políticos, há liberdade de imprensa, você pode dizer que há liberdade para as empresas que tem imprensa para eles ganharem dinheiro, mas a liberdade de imprensa como há no mundo e não pode existir tortura quando há liberdade de imprensa. Quando há liberdade de imprensa tirando retrato do torturador, ele não tortura mais... a tortura é uma coisa que só pode existir num mundo de "fechadura", num mundo soturno, no mundo subterrâneo, então, há uma abertura. Por outro lado, todos os líderes políticos que puderam voltar, desde um líder como Brizola, um líder como o Prestes mesmo um líder comunista como o Prestes pôde voltar, há abertura. Então, em primeiro lugar, não é mentira que existe uma abertura. Em segundo lugar, uma das enfermidades desse país, era a estupidez de alguns idiotas que achavam que podiam julgar o que o povo devia ler... o povo nem lê, quem lê é classezinha média, de média para cima, então, livros extraordinários, de grandes escritores foram censurados, milhares de canções populares foram censuradas, que governo poderoso, cheio de armas e escaninhos que morria de medo de uma cantiga de Chico Buarque de Holanda, isso é uma tolice, Chico Buarque tem canção que nunca derrubou ninguém no mundo, é uma tolice, mas é uma tolice autocrática, ditatorial era paga como uma enfermidade que quando cai num corpo começa fazer exageros, então começaram a pegar livros, também, de literatura; literatura que descrevia a brutalidade do mundo que está aí, a violência do

mundo que está aí; essa violência que a gente pode sofrer na carne todos os dias, não podia se ler numa página de um livro de literatura, isso é tacanhez, é estupidéz... a mesma gente que achava que podia tutelar a universidade, que achava qual o sabor bom ou qual era o ruim, que queria dar Educação Moral e Cívica desde o primário até o superior, essa gente também, queria tratar o povo brasileiro como um povo de débeis mentais e que pudesse ser tutelado por ELES. Felizmente, com a abertura, esses miasmas passaram, acabaram... isso era enfermidade. Nós estamos começando a convalescer. Quer dizer, voltar ao estado comum, normal de todos os povos do mundo. Todo o povo do mundo vive em estado de legalidade,

## A ABERTURA NÃO É PROPALADA, A ABERTURA É SÉRIA. EU ESTOU AQUI FALANDO PORQUE HÁ ABERTURA.

você pode ser obrigado a fazer alguma coisa por força de lei, se não é por lei ninguém pode te obrigar a nada. Você só pode ser preso com uma ordem de um juiz. Você é governado por alguém que você escolheu, você votou, influi naquela eleição. Então, esse é o estado normal de qualquer povo do mundo, nós estamos voltando a esse estado de normalidade, de vida comum, estado de civilização. Estamos saindo da selvageria.

**A — Como antropólogo, político, romancista e escritor, você sentiu de alguma forma a censura sobre o teu trabalho, dito intelectual? ...**

Darcy Ribeiro — Eu senti. Trabalhos meus foram impedidos. Meu nome não podia ser falado na imprensa, não podia ser referido. Ainda, recentemente, tive coisas que ainda nenhum brasileiro teve, sem ser vaidoso, nenhum brasileiro teve o diploma mais honroso do mundo que é o título de Dr. Honoris Causa da universidade mais velha da terra, a Sorbonne... quando os jornais não noticiam isso, é um vexame. Quer dizer, teriam feito festa se fosse um reacionário qualquer, mas como era Darcy Ribeiro, saiu uma noticiuzinha pequenininha no jornal; outra coisa, eu sou o primeiro intelectual brasileiro que saiu na série "Vozes Vivas da América", uma série que sai em discos...

**A — Você falou sobre isso no programa ABERTURA...**

Darcy Ribeiro — ... É um long-play "Vozes Vivas da América", então, eu sou o primeiro escritor brasileiro que a Universidade do México decidiu imprimir. Fui chamado no México, imprimiram minha voz lá, saiu um long-play que estão vendendo, aliás, muito engraçado, não estou cantando, estou

falando... pois bem, não saiu no jornal aquilo que eu disse no ABERTURA, ou seja contra todos nós se exerceram de todas as formas ou o silêncio, ou a censura, ou o impedimento; os meus livros, alguns livros estão saindo daqui agora, Dilema da América Latina, por exemplo, é um livro que tem nove edições no México, nesse momento tem a terceira edição brasileira, ou seja, o Brasil está com seis edições atrasadas com respeito ao México. Aliás, eu sou muito mais editado lá fora do que aqui também, porque lá fora, os livros saem mais, vendem mais do que aqui. Mas, porque muito livro meu não podia sair aqui antes. Eu, como todos os intelectuais, nos sentimos coitados; nós que pretendemos ser, nos esforçamos para ser a consciência e a voz do nosso povo, eramos uma voz que falava com a mão na boca, falava com um tapume, que era impedida de se expressar.

**A — Se não quiser, não precisa falar, mas nós gostaríamos de saber, sobre a tua peregrinação na América Latina, o que você fez para sobreviver, como é que foi a tua vida fora?**

Darcy Ribeiro — Não tenho porque não falar. O exílio é uma experiência terrível para qualquer pessoa, particularmente, para um brasileiro. O Brasil é um país tão grande, que tem tanta seiva, que a gente que vive aqui dentro, dessa seiva, quando você é tirado dela, isso é terrível. Para algumas pessoas, isso é terrível, eu nunca vou esquecer, por exemplo, do Djalma Maranhão, que era prefeito do Rio Grande do Norte, que eu tinha conhecido lá, quando era Ministro da Educação, o Djalma tinha uma campanha muito bonita: "De pé no chão, também se aprende a ler". Djalma Maranhão, potiguar de Natal, Prefeito que amava a sua cidade e que só sabia viver nela, ele chegou no Uruguai, nem quis aprender o espanhol, ele ia comprar no comércio e falava em português, as pessoas faziam um esforço para entender aquele senhor meio louco, não era louco nada, ele sofria demais por estar fora, ele ficava com o radiozinho de pilha, tentando ouvir o Rio Grande do Norte — no radinho de pilha que nunca pegou o Rio Grande do Norte — ele morreu de desengano, morreu

## ESTUPRARAM E VIOLENTARAM MULHERES EM QUANTIDADES, ISSO OCORRIA COMO SE NÃO FOSSE CRIME; ISSO OCORRIA NESSE NOSSO PAÍS.

de tristeza... para alguns exilados é duro, para o Jango, por exemplo, o Jango acordava às 4 horas da manhã e trabalhava como um louco, até 4 horas da tarde, esticando aramado na fazenda que ele comprou, para se cansar, para não pensar que não podia voltar para cá, prá não pensar que dali a 150 quilômetros estava na fronteira, durante 15 anos que ele não podia passar, então,

quando chegava um brasileiro, o Jango começava a perguntar, era uma coisa comovente, quando eu, por exemplo, chegava lá, eu vim antes, era de Brasília ou de Belo Horizonte, ele começava a perguntar pela cidade, até a pessoa contar para ele, coisas, para ele por imagens dentro da cabeça... onde fizeram um prédio novo?, então, ele punha na imagem dele, aquele prédio novo que fizeram, aquela placa nova, era uma coisa comovente isso.

Para mim, foi muito mais fácil, porque para um intelectual, eu era um intelectual já conhecido, eu cheguei no Uruguai, uma semana depois eu estava contratado como professor de tempo integral dentro da Universidade, dois meses depois eu estava dirigindo uma comissão de reforma da própria universidade do Uruguai, que é a única universidade do país, uma universidade secular, melhor do que qualquer uma brasileira, eu estava lá ajudando a reformar a universidade. De lá, depois, eu fui fazer coisa semelhante na Venezuela, no Peru, no Chile, depois fiz universidade também para a Argélia, andei muito na Europa, trabalhei muito no México, nesses anos do exílio, o exílio para mim foi muito fecundo no plano intelectual eu escrevi vários livros, escrevi três mil páginas no exílio, inclusive um romance — que eu gosto muito dele — estou vivendo dele agora: MAIRA, vivendo muito menos do Brasil do que de lá de fora. Os editores pagam muito bem, então eu pude escrever um romance, o que não pode se pretender agora... venho para cá, me ocupo cinco dias, preciso conversar com os meus companheiros de PTB, como é que eu posso escrever minhas coisas? Minha vida deverá ser infecunda agora no plano político, mas eu gosto muito mais da infecundidade no plano intelectual de não poder escrever mais livros, mas estar atuando na história brasileira, sentir que eu estou vivo, cidadão do meu povo, ajudando na luta daqui, do que acumular mais livros do que eu já fiz, você não acha?

**A — Uma última pergunta...**

Darcy Ribeiro — Me dá uma agüinha...  
Garçon — Só tônica...

Darcy Ribeiro — Tônica é melhor, tônica com limão.

**A — Uma última pergunta...**

Darcy Ribeiro — As suas ordens...

**A — Para fechar a pauta, sobre o índio brasileiro, os órgãos competentes, como a FUNAI, por exemplo, estão no caminho certo?**

Darcy Ribeiro — São os órgãos incompetentes (risos)... não estão no caminho certo. Eu tenho várias paixões na vida. Uma paixão minha é todos nós dizendo "Brasilzão", outra paixão, é a educação — você sabe — mas uma paixão muito funda, que eu tenho no fundo do peito, é um sino grande vibrando lá dentro de mim há muitos anos, são os índios. Eu vivi 10 anos nas aldeias indígenas. Durante 10 anos eu não fiz outra coisa, senão nos Indiras na Amazônia no Brasil Central, desses 10 anos,

eu passei 5, vivendo em rede, dormindo em rede com os índios, então, eu tenho uma idéia do que é aquela sociedade, do que é aquele tipo de gente e, eu tenho um sentimento profundo, de vergonha pelo que sucede a eles. Os índios são tão poucos, o que sucede a eles, não afeta o destino nacional jamais, entretanto, continuam sendo perseguidos. Você veja, a história de Sta. Catarina, a história desse vale do Itajaí. Qual é a história desse vale? Essa zona toda era ocupada por tribos Choklengs que estavam lá no alto do Itajaí. Em 1904, a briga, a guerra dos choklengs contra a colonização era tal, que havia mortes de colonos em choques com os Choklengs, era uma coisa tremenda e contra os ataques que os índios faziam, haviam bandos aqui, chamados de bugreiros, pagos pelos colonos e pelos fazendeiros, bugreiros que saíam para fazer chacinas, colhiam uma ou outra criança... há biografias publicadas pelo Dr. Blumennau, por gente daqui, sobre a Maria Co-

---

### **NÓS MORREREMOS DE VERGONHA NO DIA EM QUE SE CONTAR TODA A HISTÓRIA DA BRUTALIDADE; NÓS VIVIAMOS NUMA NOITE, NUM TÚNEL TERRÍVEL DE OPRESSÃO...**

---

licran, por exemplo, uma menina que foi apanhada por um bugreiro e trazida para criar. Então, era uma guerra tremenda que ocorria nessa região em que os índios ocupavam uma área enorme. Em 1904, um intelectual alemão, que tinha vindo para o Brasil, o Von Ihering, que era Diretor do Museu Paulista, ele é que fundou a SPI — Serviço de Proteção ao Índio, 1904. Fundou o SPI e escreveu um artigo pavoroso, dizendo que o governo brasileiro levasse as coisas a sério, ou bem queriam os índios desistir de colonizar ou bem queria colonizar e aceitasse que tinha que mandar o exército matar os índios, acabar com os índios, era um alemão bruto, um bicho... isso provocou tal revolta nacional em 1904, toda uma discussão nacional, que o governo decidiu criar um Serviço de Proteção aos Índios, foi assim que foi criada a FUNAI e o Rondon foi chamado para dirigi-la. Veio para cá um sujeito chamado: Eduardo R. de Lima e Silva, neto do Caxias. Esse Eduardo R. de Lima e Silva veio aqui para Ibirama, para o alto do Itajaí e ficou tentando pacificar os índios Choklengs de Sta. Catarina que era um tribo guerreira tremenda, que ocupava uma área enorme. Mas os índios eram duros, não era possível fazer paz e, um dia, Eduardo faz uma das coisas mais heróicas desse mundo, uma das histórias mais fantásticas... Eduardo viu um grupinho de índios que estavam lá, comendo pinhão e ele estava longe, estava contra o vento, então os índios não

sentiam o cheiro dele, e ele foi, e viu os índios que estavam lá, se se aproximasse, os índios podiam matá-lo ou fugir outra vez e ele, há 10 anos que estava no mato... ele, então, teve uma idéia louca, tira toda a roupa, fica nú e corre lá para o meio dos índios... os índios se assustaram, mas viram aquele cara nú, eles eram mais fortes do que ele, se aproximaram e ele fez a paz com esses índios. Com esses índios, foi trazendo outros, foi trazendo outros e conseguiu, persuasoriamente, chamar esses índios e juntar aqui no alto do Itajaí. Abriu, portanto, toda essa área de vocês, para vocês tomarem conta. Mas os índios foram mingando lá, o Eduardo foi ficando cada vez mais amargado, que ele tinha amansado o sapo para a cobra comer, porque a brutalidade com os índios era cada vez maior, cada vez que os índios saíam, tratavam mal, esses índios cofreram prá burro e foram sendo compelidos e ficaram em seu territóriozinho e nesse momento o que acontece com Sta. Catarina? Sta. Catarina quer fazer uma represa, essa represa vai invadir um pedaço das terras dos índios Choklengs, mas, também, tem muita gente com vontade de tomar mais um pedacinho, os índios estão ameaçados de receber a reserva deles, ora, então, a essa história estão reduzidos os índios... eles eram cinco milhões, hoje são 200 mil e esses Choklengs eram milhares, hoje, são centenas. O que querem é viver. O que aconteceu com eles não afeta Sta. Catarina, mas afeta a honra de Sta. Catarina. Os netos de... morreriam hoje, ou chorariam de vergonha, porque seus avós foram tão "filhos daquilo" foram incapazes de dar a esses índios a garantia de poder viver em paz a vida deles sem ser pressionados de forma nenhuma, como estão sendo pressionados hoje.

Isso acontece no Brasil inteiro. Um episódio pior é o do Paraná. No Paraná, uma tribo também, da mesma família linguística que essa, Kaingang, essa tribo tem o conjunto, a ilha de Araucárias, a única que existe no mundo, a última floresta de Araucária que existe no mundo que os índios preservaram para comer seus pinhões, pois bem, o Lupião, passou isso para um tal de Slavieiro que é um grileiro. Esse Slavieiro ganhou na Justiça e essa tribo, os índios tem que ser expulsos da terra do sr. Slavieiro, porque são invasores... um Slavieiro que veio não sei de que Polônia, cai aqui, ele não é um invasor, o invasor são os índios e ele mandou assassinar o cacique. Vocês sabem, através da imprensa, o Cacique dos índios Caingangs foi assassinado, a FUNAI não faz nada também. Então, está surgindo uma nova liderança e o Sr. Slavieiro é capaz de tomar a mesma... e tudo para quê? Para derrubar o último pinheiral... mas não é um povo sem vergonha, um povo que deixa isso acontecer e que não faz manifestação... só eu que brigo ou pouca gente briga, VOCÊ JÁ BRIGOU POR ISSO? Precisa brigar...

**A — Eu já briguei sim!**

Darcy Ribeiro — Opa! Obrigado.

# O Universitário com a palavra

## Breve balanço sobre o que já fizemos

Completamos 3 meses de trabalho frente ao Diretório Central dos Estudantes. Aumenta o propósito de corresponder à confiança e o apoio recebidos na última eleição que nos levou a desenvolver nosso plano de trabalho, que coloca o estudante acima de tudo.

O Restaurante Universitário recebeu uma atenção especial, servimos refeições à Cr\$ 60,00 (que são compradas à Cr\$ 135,00, tudo para diminuir os gastos dos menos favorecidos. O DCE e a FURB administram em conjunto o Restaurante, obedecendo a uma proposta feita pelos DAs e aceita por unanimidade para uma co-gestão.

Os lucros eventuais, reverterão integralmente para o estudante através do DCE e, através da FURB, existe a possibilidade de se conseguir verbas do Governo Federal e

MEC para serem aplicadas no Restaurante.

Temos a Campanha de Casa do Estudante levada a termo pelo acadêmico de Educação Física, Roberto Diniz Saut; o Festival Universitário (desta vez o VIº FUC) que está nas mãos do acadêmico de Ciências Contábeis, Antônio Ramiro Menestrina, presidente da Comissão Organizadora.

Temos uma série de planos que serão executados no decorrer do semestre, mas o papel principal de uma representação estudantil, como o próprio nome sugere, é representar os interesses dos estudantes e o nosso interesse maior é pela qualidade de ensino.

Estamos pagando caro?

Sim, e muito... logo, temos a obrigação de lutar por melhor qualidade de ensino, melhores laboratórios, etc.

Temos que protestar e se preciso for... aqueles professores que nos deixam esperando por uma aula e não aparecem.. cabe aos senhores Diretores de Faculdades e ao próprio Reitor dar uma solução a esse problema que se agrava cada vez mais aqui na FURB.

Os representantes do DCE e DAs, com um permanente desempenho junto aos órgãos Colegiados, poderão procurar soluções para os nossos problemas.

O apoio ao Projeto do vereador Jair Girardi (porque somos estudantes), sobre a redução do preço do passe escolar... para isso, precisamos dar o nosso apoio integral indo - se preciso for - até a Câmara dos Vereadores e lotar o auditório no dia da sua votação...

Nosso projeto sobre anuidades, que em abril será en-

tregue ao ministro da Educação e outro ao governo do Estado, que entre os motivos vão desde o número de alunos carentes de recursos até que temos na FURB, em torno de 1.600 são de outras regiões do Estado, então Sr. Governador, vamos ajudar a FURB porque toda Santa Catarina estuda aqui. Precisamos de uma verba mensal, para diminuir o alto preço das anuidades.

O Balancete do Diretório será exposto neste mês, e está a disposição de todos os acadêmicos para que verifiquem onde está sendo gasto a taxa de diretório.

Agora é que a luta vai começar e o diretório espera você, exatamente você que é a força viva, de pensamentos livres...

**Heriberto Afonso Schmidt**  
Presidente do DCE

## Política estudantil, uma realidade

Estudante é somente para estudar? Estudante não deve pensar em política? Nada disso. O estudante deve ser um elemento consciente politicamente.

Por que um elemento consciente? Porque é um elemento que acompanha diariamente os acontecimentos.

Como podemos ver, os universitários do mundo inteiro estão participando da política, sofrendo, as maiores pressões que podem existir. Pois os poderes públicos temem a política estudantil, por ser ela o berço das idéias de uma nova política Nacional e internacional.

A Política Estudantil é al-

go discutido em todas as universidades nos dias de hoje, onde amadurecem as idéias, mas os líderes dificilmente amadurecem. Pois, quando começam a destacar-se são visados e podados na primeira oportunidade. Os aparatos repressivos estão é pra isso mesmo. E muitas vezes as idéias não bem interpretadas levam à punição. Talvez poderia ser a solução para crise política em que atravessa o mundo nos dias atuais.

Política Estudantil além de ser Realidade, é uma necessidade, porque traz consigo a conscientização. E nada melhor que um povo consciente, politicamente, para o desen-

volvimento de uma nação. Não sei porque ter medo da consciência do povo.

Dentro da Política Estudantil existem várias alas e tendências, mas os objetivos são quase os mesmos:

- Educação de todos.
- Ensino público e gratuito para todos os níveis.
- Democratização do ensino.
- Elevar o nível da educação.

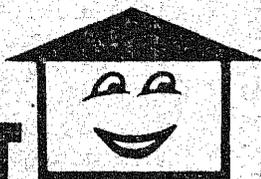
Na procura desses objetivos é que os estudantes fazem a Política Estudantil.

**Vendelino Reinert**  
Vice-Presidente - DCE/FURB

## A má qualidade não é geral

Com relação a nota publicada no Jornal de Santa Catarina no dia 24 (passado) em que o presidente do Diretório Central dos Estudantes de Blumenau, Heriberto Afonso Schmidt comentava sobre a má qualidade de ensino, os maus professores e a insatisfação geral dos alunos da FURB em tolerar determinados abusos, se faz necessário esta complementação: "Assim como existem os péssimos mestres (motivo da crítica), também existem os bons professores"... com esta explicação, evitamos as generalizações e voltaremos na próxima edição com mais detalhes.

**PROBST**



**Estudante!**  
**Crie, use, renove, construa.**

**ARNO BERNARDES**

IND. E COM. LTDA.

FÁBRICA DE PARAFUSOS SEXTAVADOS  
E FRANCESES, ARRUELAS DE PRESSÃO  
E LISAS, PORCAS ESTAMPADAS A FRIO.

Rua Almirante Barroso, 1159 — C. P. 615 — End. Telegr. "Arber"  
Fones (DDD 0473) 22-9622 — Telex 0473366 — Blumenau - S. C.

# UM ABRAÇO A DEUS E UM APERTO AO DIABO

Roupa suja se lava em casa. Mas para tanto deve existir ao menos água e sabão. Apontar um erro e fazer uma crítica pelo fato de simplesmente dizer, é melhor ficar calado. Ainda mais, quando quem aponta a irregularidade, passou por ela. Sentiu o drama.

A não ser que tenha trabalhado longo tempo como auxiliar de um escritório, ou então, que esteja ligado pelas contingências, com a Lei e a Justiça, duvido de qualquer formado em Direito, que saiba algo prático, sem que tenha passado pelo Estágio Orientado, de uma Faculdade, ou comumente chamado, Escritório Modelo.

Pois bem: este é o nosso caso e aqui começa a novela. ou melhor, termina. Desde que entrei para o curso de Direito, tenho ouvido falar que o Estágio não está bom, que está com defeito nisto, problema naquilo, falta sincronia entre aluno e matéria, e uma série de defeitos que se ouve e se comenta, nas salas, nos corredores, na rua, no bar, e na privada.

Partindo destes disques disques o DA de Direito, procurou a Direção do Estágio Orientado e, analisou-se a situação num todo, onde se viram vantagens e defeitos, coisas viáveis e inviáveis, e de bom princípio, os responsáveis aceitaram por parte dos alunos acadêmicos, usufruintes (terceiro e quarto anos) qualquer sugestão, mudança, alteração, desde que pudesse ser aplicada. Até aqui a roupa ainda está para ser lavada.

Como os "problemas" vem de longa data (segundo inúmeros alunos) nos últimos dias de aula do ano findo, e antes da prova do Estágio, fo-

ram distribuídos a todos os acadêmicos do 3º e 4º anos uma folha, explicando o detalhe e solicitando a sua contribuição. E até, quem nada tivesse a sugerir podia malhar o pau. Pasmem todos. De um total de 120 folhas distribuídas para sugestão, o Diretório Acadêmico, recebeu tão somente a quantia de... NENHUMA!

Até parece piada. Nada, nada, nada. Para ser franco apenas duas promessas que iam entregar. Realmente, iam, por que não veio nada. E tem uma coisa, a própria direção admite que existem coisas a corrigir, devido talvez a um certo acomodamento da situação e até pelo grande volume de trabalho que está sendo feito, na parte da assistência judiciária.

Logicamente, que alguém há de perguntar onde estão principalmente aqueles que criticaram. Será que serão assim interessados em sua vida profissional? Então conclui-se que as coisas da casa, devem ser resolvidas em casa mesmo. Pouco lindo ficou dizer aos quatro cantos da FURB, que lá no Estágio há falhas. Eu sei, você sabe, a direção sabe, mas convenhamos: fale, e segure as pontas.

Antes que alguém possa interpretar como sendo uma tirada de puxa-saco, deixo aqui registrado, que não estou com procuração de ninguém para malhar o pau, nos meus colegas acadêmicos faladores, muito menos, para defender o Estágio. O que o Diretório Acadêmico fez de concreto durante as férias, foi nomear uma comissão de 3 alunos, que irão elaborar um trabalho, das deficiências físicas, pessoais e estruturais e reunir-se-ão com os diretores e

debaterão a viabilidade de mudanças e aplicações, em prol dos estagiários.

Ao menos uma coisa, não se pode tirar de quem disse: eu pago e portanto tenho o direito de exigir. Até aí estou com todos e não arredo pé. Porém, a exigência vem na medida da retribuição. E assim estará de pé o velho chavão de que uma mão lava a outra e as duas, com mais um bom sabonete, lavam muitos outros lugares.

Quem sabe, este detalhe tenha sido o que realmente faltava, para no futuro, toda e qualquer reclamação e sugestão deve ser formalizada de modo coerente e não custa nada rabiscar umas linhas, ou falar pessoalmente com qualquer membro (sic) do Diretório. Esperar que caia do céu, só três coisas são possíveis: chuva, avião e titica de passarinho.

Ao incauto acadêmico, que vem singrando pela trilha do Direito, alheio ainda à profundidade e complexidade da profissão, saberá a bem da verdade, a importância do Estágio. É o ABC preambular do "faz-me-rir" na labuta jurídica.

Mesmo ainda, que desinteressados deste aspecto ou até pela própria ideologia pessoal, o capricho é algo que não se compra, mas se cultiva com nossos próprios atos. Ou como dizia o Barão de Von Esquiné: em boca fechada não entra mosca e nem sai besteira. Ah! Ele não disse é? Mas devia ter dito.

**Luiz Antônio Pícolli**

Presidente do Diretório Acadêmico de Direito

## D.C.E. Gestão 80/81

**Diretório Central dos Estudantes**

Presidente: Heriberto Afonso Schmidt.

Vice-Presidente: Vendelino Reinert.

**Diretório Acadêmico da Fac. de C. Econômicas de Blumenau**

Presidente: Roseli Willerding.

Vice-Presidente: Paulo César Dittrich.

**Diretório Acadêmico da Fac. de Ciências Jurídicas de Blumenau**

Presidente: Luiz Antônio Pícolli.

Vice-Presidente: Hélio José Schwartz.

**Diretório Acadêmico da Fac. de Filosofia C. e Letras de Blumenau**

Presidente: Cláudia Maria Truppel.

Vice-Presidente: Roberto Carlos Belli.

**Diretório Acadêmico da Fac. de Engenharia**

Presidente: João Luiz Felsky.

Vice-Presidente: Joel Irineu

**Diretório Acadêmico da Fac. de Ed. Física de Desp. de Blumenau**

Presidente: João Carlos Maba.

Vice-Presidente: Manoel Dalpasquale.

**Assembléia Universitária**

Erni Finger — Antonio Carlos Silveira — Osmar Rodrigues — Eliane Prudêncio da Costa — Márcia Aurélio Stoppassoli — Lilian Ribeiro.

**Conselho Universitário**

Antonio Eduardo Sotopietra — Roseli Reif — Jane Mabel da Silva — Mário José de Borba — Roberto Diniz Saut.

**Conselho Departamental da FURB**

Marcia Keuncke — Antonio Carlos Momm — Luiz Antonio Roncaglio — Francisco A. Zermiani — Claudete Mafra Wanderk.

**Câmara de Ensino**

Luiz Carlos Pabst — Antonio Ramiro Menestrina. Loem.

## KING'S

MARCAS E PATENTES

Agência Oficial de propriedade Industrial

89100 - BLUMENAU - S.C.

**\* QUEM NÃO REGISTRA NÃO É DONO \***

Rua 15 de Nov. 600 - Sede Própria  
Cx. P. 576 - Fone (0473) - 22-5595



## FININVEST

FININVEST ESPECIAL

**COM ELE VOCÊ COMPRA A VISTA E PAGA A PRAZO.**

Para adquirir o FININVEST ESPECIAL você não paga nenhuma despesa, faça o seu.

Rua Nereu Ramos, 43 — Blumenau - SC — Fone: (0473) 22-0968

# Eleições diretas para Reitoria\*

Roberto Diniz Saut

Temos claramente duas situações distintas em termos de Universidade ou melhor de Ensino Superior: aquele que é mantido na sua totalidade pelo Governo e aquele cujo patrimônio é formado por verbas estaduais (no nosso caso praticamente por verbas municipais) e em grande parte pela sacrificada contribuição do estudante, perde fundamental da própria estrutura universitária. E, neste segundo caso o estudante das fundações, do ensino pago, sofre cruel injustiça da discriminação. Enquanto muitos que tem condições de pagar palmilham seus anos de ensino superior na tranquilidade, outros devem recolher cada tostão para não pertencer ao rol dos inúmeros desistentes. Mas, o que nos importa no momento é apenas lançar esta fundamental diferença de situações para chegarmos ao tema de hoje: Eleições diretas para a Reitoria.

Nas Universidades onde o Ensino é gratuito não vemos esta premente necessidade de eleições diretas para a Reitoria, quando em termos de verba, melhor um reitor indicado pelo Governo que as mantém do que um reitor eleito por correntes opostas.

O mesmo não se configura no campo educacional, e aí não negamos que o estudante deva indiretamente participar do processo da eleição do reitor, via canais competentes. Mas, nas fundações, onde você só estuda se tiver dinheiro quente, onde as mensalidades ultrapassam três a quatro vezes e mais o salário mínimo, somando-se isto às despesas com livros, expedientes protocolares, taxas e outros, a maior justiça que poderia haver em termos de participação estudantil nas decisões da Administração da sua Universidade seria as eleições

diretas e abertas para a Reitoria.

Atualmente na Fundação Educacional da Região de Blumenau - FURB a eleição do Reitor é processada por indicação de lista sêxtupla, votada em reunião conjunta da Câmara de Ensino, do Conselho Universitário e do Conselho Departamental e apresentada ao Prefeito Municipal que dá sua canetada final, nomeando o Reitor dentre os seis nomes "democraticamente" apontados.

Este processo tem a participação dos estudantes, é iôgico, eleitos como representantes do corpo discente junto aos órgãos diretivos e educacionais das Universidades, que são em número inferiores aos representantes do corpo docente e diretivo, e não levam à votação a aspiração da maioria dos estudantes por não consultá-los anteriormente através de uma eleição prévia entre o corpo discente das faculdades. Assim, evidencia-se o autêntico processo indireto de eleição da Reitoria, castrando mais uma vez a participação política do estudante, principalmente aquele que paga para ser considerado como tal.

O Reitor deveria ser eleito diretamente pelos estudantes e pelos professores. E como candidatos, deveriam apresentar publicamente suas plataformas. Candidatos, porque espontaneamente dir-se-iam candidatos sem qualquer influência promocional de grupos interesseiros. Candidatos porque acreditando numa causa em que eles próprios são capazes de desenvolver e defender.

Candidatos porque naturalmente sentem a forte necessidade de quebrar os limites do conceito concreto a que as Universidades se restringem por circunstâncias situacionais e constitucionais.

Após este processo natural de auto-candidatura proceder-se-ia a eleição de um candidato, por faculdade, aberta, livre a secreta e a indicação de um candidato, representante da própria Reitoria. Essas eleições prévias apontariam os nomes já livremente escolhidos para a reta final do processo, em que, alunos e professores elegeriam o Reitor e o Vice-Reitor. Ao Prefeito Municipal caberia o ato de nomeação do Reitor e do Vice.

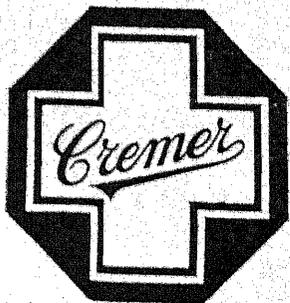
No atual sistema a preferência antidemocrática recai, como responsabilidade vinculada, ao Chefe do Executivo, que pode ser influenciado até por correntes situacionais antidesenvolvimento da própria Universidade. Podem ocorrer pressões a tal ponto "impressionantes" sobre a nomeação "ou momentos antes da nomeação" do Reitor que a indicação do mesmo venha ferir os anseios mais básicos, lógicos da livre vontade, lá porque o Executivo Municipal fica limitado a seis nomes, entre os quais, por erro até de tática influencia da estrutura administrativa, e política da Prefeitura, não esteja o preferido do Governo local. Pode acontecer que o Executivo não interfira no processo universitário por respeitar o anseio daqueles que diretamente vivem os problemas da Universidade. Pode acontecer, também, que não ocorrem pressões. Mas, com a eleição direta a luta pela Reitoria seria ampliada a um campo de argumentações, forças, debates, pressões democráticas e à soma de interesses os mais diversos, dando margem à conclusão eleitoral, fruto da consciência da maioria sobre as necessidades, sobre os problemas, sobre a situação, sobre o desenvolvimento e os nobres fins e finalidades da Universidade.

O estudante deve ser acionado sob todos os ângulos: do ensino-aprendizagem, da política estudantil; de todos os papéis que pode representar uma Universidade inserida no contexto social. Assim, sua participação efetiva, direta e livre na eleição do Reitor, possivelmente iria proporcionar ao mesmo, maior motivação nos trabalhos e, no papel que poderia desenvolver e representar para a Universidade e para a comunidade. O estudante estaria sendo preparado para responsabilidades maiores, políticas do seu país, aprendendo a escolher, com consciência, o dirigente maior da instituição que será responsável em grande parte pelo sucesso profissional e da adaptação ao desenvolvimento do país, como minuta do exemplo que nesta mesma comunidade iria acontecer em termos de Brasil.

Todos podem afirmar que a legislação não permite tal abertura e a possibilidade de tamanho sonho. Muito bem, e até muito bem lembrado: "Legislação, "Leis"... que podem, contudo, ser revogadas, cedendo lugar a atitudes e realidades mais próprias do ideal humano: a livre conta de escolha dos homens mandantes e responsáveis pelas coisas públicas.

Reitoria eleita pelos estudantes: uma utopia? Indesejável por muitos? Talvez... Você, professor, poderá num futuro breve, configurar como forte candidato à Reitoria... se os estudantes aceitarem sua plataforma de trabalho. Coragem!

\* Artigo publicado no Jornal Acadêmico (novembro de 1979) e republicado agora, tendo em vista a atualidade do texto e a inalterabilidade de nossas posições. (Nota da Redação).



SÍMBOLO DE QUALIDADE HÁ  
MAIS DE 40 ANOS

BLUMENAU - SC

**LIVROS****EDITORA ALFA-ÔMEGA**

**UNIVERSIDADE BRASILEIRA: Reforma ou Revolução?** — Florestan Fernandes.

Aos que pretendiam ouvir um intelectual de formação sociológica, que falasse leal e francamente, que discutisse sem ambigüidades e subterfúgios os problemas que nos afligem, Florestan Fernandes dá sua resposta em nove ensaios sobre a reforma universitária.

**A PRODUÇÃO CAPITALISTA DA CASA (e da cidade) NO BRASIL INDUSTRIAL** — Organizadora Ermínia Maricato.

Obra pioneira no estudo da problemática habitacional brasileira, na medida em que pretende fazer um esforço "para pensar um campo teórico especificamente urbano, a partir do urbano mesmo".

**A CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL 1789-1930** documentos — Vol. 1 — O Movimento Operário Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall.

O livro contém uma série de documentos raros e inéditos, colecionados a partir de diversos arquivos, particulares e oficiais, do Brasil e do Exterior com o objetivo de servir como indicação de fontes que precisam ser pesquisadas em larga escala.

**AVENIR EDITORA**

**ANIMAIS CAÇADOS, CONTAI** — Fernando Batinga

Integra a coleção "depoimentos", em seu volume 16, trata em suas 55 páginas de denúncias a opressão, ao arbítrio, às torturas de que brasileiros foram vítimas — famílias, universitários, jornalistas e políticos.

O autor, preso no Estádio Nacional de Santiago (época em que mataram o cantor Victor Jara, viveu e sentiu na carne a acidez de seu próprio relato. O livro acrescenta outra peça ao quebra-cabeça da inquisição institucionalizada nos 15 anos em que o arbítrio foi legalizado.

**OS VIVOS E OS MORTOS** — Humberto Jansen.

Integra a coleção "depoimentos", em seu volume 18, são 43 páginas em que o autor faz a defesa de uma nação desmoralizada pela falta

de escrúpulos, de humanidade, de bom senso que utilizou o argumento de uma preterita "revolução" para torturar, matar, atemorizar, sumir com aqueles que disseram NÃO à ditadura. Existe a citação de exemplos concretos, como provás dos crimes e uma lista de nomes que o autor espera, sejam justificados.

**OS INTELLECTUAIS E A REVOLUÇÃO** — Roland Corbister.

Integra a coleção "depoimentos", vol. 17. Nas 80 páginas, o autor fala da necessidade de se deixar o político com a política e a filosofia com os filósofos. O livro é dividido em capítulos. No 1º, procura-se responder a pergunta: Que são os intelectuais... dos gregos até Jean Paul Sartre. No 2º, Que é Revolução? Distinguido os diversos tipos de revolução e concluindo que o golpe armado — de características latinas — não é uma revolução, visto que não produz mudanças qualitativas nas estruturas econômicas e sociais. No 3º e último capítulo, depois de ter caracterizado os intelectuais no 1º, definida a revolução no 2º, Roland Corbister, indica o papel ou a função, dos intelectuais no processo da revolução.

**EDITORA CAMPOS**

**NEUROFISIOLOGIA** — Charles E. Esbérard.

Este livro apresenta um novo enfoque dos conhecimentos existentes sobre o Sistema Nervoso. Sua abordagem é evolutiva, visando situar a fisiologia nervosa dos primatas e, em particular, a do homem, em contexto filogenético. Com muitas ilustrações e abundante bibliografia no final de cada capítulo. Destina-se aos estudantes da área biológica, expõe de forma sequencial, os dados existentes sobre a função nervosa, com ênfase nos primatas.

**OS ÍNDIOS E NÓS** — Estudos Sobre Sociedades Tribais Brasileiras — Anthony Seeger.

Reúne trabalhos escritos nos últimos 6 anos, apresentando análises originais de certos aspectos das sociedades indígenas brasileiras. A significação dos ornamentos corporais, cultura material, posição dos velhos, importância social da música, diferentes formas de liderança, ideologia do parentesco, são tópicos que compõem essa obra.

**O CORAÇÃO DA FÁBRICA** — Estudo de caso entre operários têxteis — Vera Maria Cândido Pereira.

A obra analisa a vida cotidiana dentro de uma indústria do Rio de Janeiro e trata das relações sociais que unem os operários entre si, e estes aos supervisores e chefes. É uma importante pesquisa que enfoca principalmente o movimento operário mais do que o sindical. Abre espaços para formas diversas de resistência à dominação patronal.

**BURGUESIA E TRABALHO** — Política e legislação social no Brasil 1917-1937 — Angela Maria de Castro Gomes.

Reconstitui a atuação política da burguesia urbana no processo de elaboração e implementação da legislação social no Brasil. A preocupação central da obra é discutir, numa perspectiva histórica, alguns dos problemas relacionados com a chamada Questão Social do Brasil.

**A CRISE DA IDEOLOGIA KEYNESIANA** — Lauro Campos —

Concebido durante o auge da economia Keynesiana, o autor expõe suas idéias fundamentais sobre a obra de Keynes.

Nesta obra, as reflexões do autor, professor titular da Universidade de Brasília, são profundos e de real interesse para todos os que se dedicam à análise dos problemas econômicos do Brasil.

**ECONOMIA BRASILEIRA** — Uma visão histórica — Paulo Neuhaus.

Os trabalhos englobados neste volume refletem, pela variedade de tópicos e de enfoques metodológicos, a vitalidade da literatura existente sobre historiografia econômica brasileira e do Exterior. Revela o real processo de amadurecimento que se verifica pela revisão de diversas interpretações tradicionais e pelo diálogo entre economistas, historiadores, demógrafos e demais cientistas sociais sobre o passado econômico do país.

**ORIGENS E EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL** — 1850-1950 — Stanley J. Stein.

Estudo que descreve, inicialmente, a situação e as condições, nem sempre favoráveis, sob as quais se implantou e se desenvolveu a empresa têxtil no Brasil, um problema fundamental para a

compreensão das primeiras etapas do processo de industrialização e da própria economia brasileira.

**EDITORA FORENSE**

**DIREITO REGISTRAL IMOBILIÁRIO** — Álvaro Melo F.

Objetiva facilitar e simplificar os estudantes, professores, advogados, magistrados, serventuários e homens de empresa e compreensão de estrutura e da sistemática do registro imobiliário, vigente no país. Completa os inúmeros trabalhos dogmáticos sobre a matéria.

**ANDIÊNCIA DE INSTRUÇÃO E JULGAMENTO** — Athos Gusmão Carneiro.

Em 2 partes, traz incursões no campo da jurisprudência, incluindo remissões doutrinárias. Na primeira parte, as notas de rodapé visando a utilidade aos que se iniciam no estudo do processo civil. Na segunda parte, seleção de acórdãos alusivos às matérias versadas na 1ª parte, com recíprocas remissões.

**INTERPRETAÇÃO DA NOVA LEI DO INQUILINATO** — Jefferson Daibert.

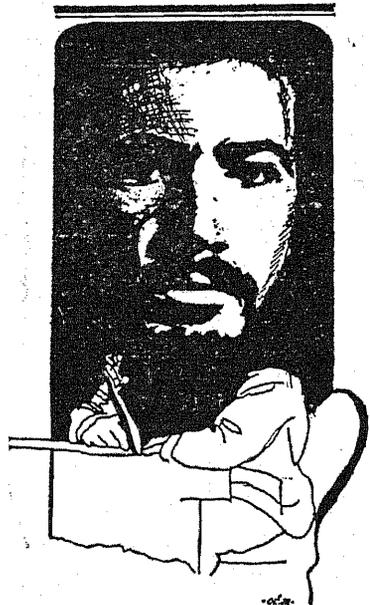
Analisa toda a nova lei do Inquilinato e suas implicações, inclusive o problema do reajustamento dos aluguéis. Preocupa-se com o problema da renovação, eficácia e validade de dispositivos do Código Civil, diante da nova lei.

**COMENTÁRIOS AO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL** — Alcides de Mendonça Lima..

Vol. VI — Tomo I e II — Artigos 566 e 645 — terceira edição revista e atualizada. Esclarece pontos duvidosos no texto do Código Civil, em relação ao Processo de Execução. Traz, no final, abrangente bibliografia e índices alfabético remissivo, onomástico e geral.

**COMENTÁRIOS A LEI DE REGISTROS PÚBLICOS** — Wilson de Souza Campos Batalha.

Propicia aos leitores a visão imediata e atualizada do comportamento jurisprudencial sobre os temas de maior relevância e oportunidade. Indica, nos apêndices, os artigos das leis comentados e o nº das páginas, a que se referem os diversos tópicos. Presta esta obra serviço a quantos por interesse legítimo ou dever profissional estejam vinculados às leis de Registros Públicos do país.



Oldemar Olsen Jr.

## CARTA ABERTA AO POVO

# Uma conspiração para derrubar o regime

Durante os últimos sete anos, enorme insatisfação apoderou-se de mim. Tentei habituar-me — aos poucos — com este mal estar que insinuava tomar conta de todo o meu ser; mas ultimamente, ele foi acentuando-se cada vez mais, ao ponto de, amiúde, prostrar-me como um réprobo, cheio de ira, prestes a compartilhar com qualquer grupo este meu desacordo com o atual estado de coisas.

Suportei, é verdade, o quanto pude, mas um dia senti que não poderia adiar mais a decisão.

... Aquela noite andei sozinho pelas ruas da cidade até mais não poder. Cansado, havia feito o que combinara, então, discretamente (para não dar na vista), entrei na galeria, apressei o passo e fui até os fundos, localizei placa de propaganda, e entrei.

O ambiente estava situado em uma rua secundária, era freqüentado por toda espécie de gente: professores, pedestras, intelectuais, esquerdistas... quando transpus o pequeno hall, logo, um ambiente enfumaçado, com algumas mesas vagas se descortinou. À meia luz, todos eles se encontravam ali, a escolha não poderia ser melhor.

Era duro permanecer, durante um período relativamente longo, conversando entre murmúros e sussuros, sem beber nada alcoólico para não despertar suspeitas, apenas trocando idéias e esperando o momento oportuno.

Lembrei-me, rapidamente, de como nós éramos e de como estávamos.

“No princípio todos éramos iguais, não haviam discriminações, fortes, esbeltos, vivendo em paz com a consciência, preocupados, unicamente, em ser útil aos semelhantes e a pátria.

Depois sobrevio a briga pelo lugar ao sol a criação de trustes econômicos gerando

um consumismo exacerbado (supermercados enormes), atrativos de toda a espécie para fazer frente a lei da oferta e da procura. Aí, a gula dos senhores não alcançava limites”.

Mas, o certo é que havia uma provocação aberta, tudo estava exposto, as imagens já não cabiam em nosso inconsciente quanto mais no estômago.

Fazíamos um esforço sobre-humano para permanecer indiferentes, mas não era possível. Uma força endócrina maior do que podíamos resistir, atuava de maneira lenta, mas implacável, e todos os nossos corpos sentiam exteriormente sua presença.

Os peritos naquelas agônias revolucionárias, preveniam-nos de que era necessário muita paciência e iniciativa. Sobretudo, era desaconselhável quebrar as recomendações sob pena de o tratamento não dar certo.

Mas agora, chegara o momento. As favas com os técnicos, instrutores, sabidões, oportunistas... eu, que me constituía em uma das vítimas naquele mal estar, provocado por uma sociedade e seu comércio desmesurado e incontrolável, os homens e suas criações irresistíveis; o tempo e os avanços mais que tentadores... não, não esperaria sequer cinco minutos.

Quando combinei com aquele elemento solerte, jamais imaginei que a espera fosse delongar-se tanto.

Ali, no canto escuro onde me encontrava, podia observar todo o ambiente.

Quem entrava e quem saía. O lugar estava repleto, desconhecia a razão para nós realizarmos uma conspiração ali; ignorava, digamos, o sentido teórico da estrutura que mantinha nossos planos... quanto à prática, não precisávamos muita reflexão para

conjeturar os eventuais danos.

Estávamos um de frente para outro, embasbacados, esperando que ele chegasse afinal... para podermos logo começar.

Enquanto esperávamos, meu companheiro, irrequieto, tamborilando os dedos na mesa e admirando os transeuntes (no mais absoluto silêncio) motivado pelo vazio interior, eu comecei a divagar sobre o regime:

“Um regime é um estado desagradável em que todo o excesso deve ser evitado. Tanto por falta como por sobra... quer dizer, deve-se procurar um meio termo entre o resolutivo e o desconfiado, entre o agnóstico e o crente... todos os perigos estavam ali, talvez, poucos tivessem as mesmas preocupações, mas estas eram reais. Ninguém escolhe este ou aquele tipo de regime. É uma ditadura que se instaura, à nossa revelia, controlada por outros senhores, inescrupulosos, que muitas vezes, por possuírem determinada ingerência sobre nossa vontade (já que se torna inútil qualquer rebelião contra aquela força natural, convulsiva e deprimente), se dão o direito de proibir determinadas ações que costumávamos praticar, simplesmente alegando que nos faz mal”.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo olhar significativo de meu companheiro de mesa. Aquele gesto que só eu percebi, dizia muito, mas atinei apenas com o seu significado imediato e, com aquela demora involuntária, sem voltar-me para os lados, com receio de perder a coragem, enchi os pulmões e num desabafo incontido gritei:

— Como é que é, garçom? Esta macarronada vem ou não vem?

## Fala Brasil

Em Blumenau, sempre se reclamou de um lugar em que o “cliente” pudesse entrar mais cedo e, em compensação, sair um pouco mais tarde... estamos falando de um “boteco” digno dos “hombres da noite”... pois é, tanto bateram, que o esperado lugar apareceu.

Um local aconchegante, sem muitos “trique-triques” e fica ali perto da Te-ka, não tem erro.

Dos proprietários? Tudo o que se disser pode ser considerado elogio:

Horácio Braun, homem de jornal, publicitário; Ingo Penz, um dos melhores fotógrafos de Blumenau e tem o Nelson que acompanha no chope qualquer discussão sobre qualquer coisa.

Ah, mas tem um “negócio” que eles não permitem... é que se toque música estrangeira, que um indivíduo não participe do sururu promovido por um “nada comportado” conjunto de samba. Quem não conhece, estranha... a impressão que se tem é que os “crioulos” vieram do Rio de Janeiro animar a noite blumenauense, mas pô, os caras são daqui, precisa ver, vão tocar assim lá no inferno.

A casa fecha aos domingos - porque ninguém é de ferro mas fora disso, é chegar e conferir.

### CORAL LIVRE DA FURB

Uma das grandes iniciativas tomadas na Furb tentando aproveitar o potencial de muitos universitários e que tem dado certo, é o CORAL LIVRE promovido pela instituição.

Agora mesmo, abriram vagas para tenores e baixos. Os interessados poderão dirigir-se ao professor Fronza (diretor da Faculdade de Filosofia) e obter maiores detalhes.

### OLIMPIADA FORAM TRANSFERIDAS

Tendo em vista a chegada da Páscoa (alguns feriados providenciais) uma das raras oportunidades para os estudantes que residem fora de Blumenau para visitarem os seus familiares, como, tendo em vista o Seminário de Educação na mesma data, as Olimpíadas da Furb — ponto alto de congrassamento dos universitários de Blumenau — foi transferida (em nova data a ser confirmada)... provavelmente num final de semana, segundo sugestão do Diretório Central).